

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

JULIANE DOS SANTOS PORTO

**CORPOS EM VERTIGEM:
DESSES OUTRES QUE IN-DESA-COMODAM**

Bagé

2020

JULIANE DOS SANTOS PORTO

**CORPOS EM VERTIGEM:
DESSES OUTRES QUE IN-DESA-COMODAM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino – Mestrado Acadêmico da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

Orientadora: Profa. Dra. Dulce Mari da Silva Voss.

Bagé

2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

P853c Porto, Juliane dos Santos
Corpos em vertigem: desses outres que in-desacomodam /
Juliane dos Santos Porto.
64 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Pampa,
MESTRADO EM ENSINO, 2020.
"Orientação: Dulce Mari da Silva Voss".

1. Não binariedade. 2. Performatividade. 3. Gêneros. 4.
Sexualidades. 5. Corpos. I. Título.

JULIANE DOS SANTOS PORTO

**CORPOS EM VERTIGEM:
DESSES OUTRES QUE IN-DESA-COMODAM**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino – Mestrado Acadêmico da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Ensino.

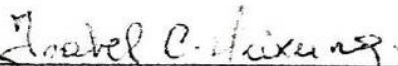
Orientadora: Profa. Dra. Dulce Mari da Silva Voss.

Dissertação defendida e aprovada em: 07 de agosto de 2020.

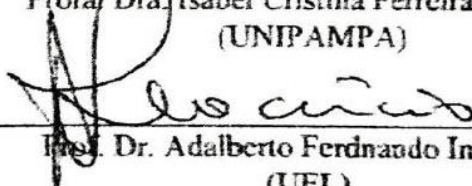
Banca examinadora:



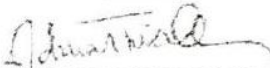
Profa. Dra. Dulce Mari da Silva Voss
Orientadora
(UNIPAMPA)



Profa. Dra. Isabel Cristina Ferreira Teixeira
(UNIPAMPA)



Prof. Dr. Adalberto Fernando Inocêncio
(UEL)



Prof. Dr. Djalma Thürler
(UFBA)

Bagé

2020

Agradecimentos

À minha mãe, Neusa, que mesmo não entendendo muito sobre minha pesquisa, minhas motivações e desejos, sempre foi fonte inesgotável de apoio, zelo e dedicação. Ajudando-me a realizar esta pesquisa, o sonho de conhecer o Nordeste e a obter este título, tão importante para mim.

Ao meu companheiro de vida Evandro, sempre tão compreensivo e dedicado aos meus sonhos e sempre procurando ajudar na obtenção dos mesmos. Além disso agradeço pelo interesse em minha pesquisa ao procurar estar a par de tudo, aprendendo e me ensinando em um perfeito fluxo de energia vital que nos faz cada dia mais fortes e parceiros.

À minha orientadora, que mesmo quando eu estava perdida me pegou pela mão e me jogou no mundo, literalmente posso dizer. Com ela conheci novas pessoas, lugares, realidades. Com ela cresci academicamente, mas o crescimento mais importante foi o pessoal. Vivemos juntas momentos de dor e sofrimento, mas também muitos momentos de alegria. Desbravamos as ruas cheias de história do Recife Antigo, gastamos mais do que podíamos em livros e nos perdemos pelas bandas do Paraná. Obrigada pela parceria de sucesso e pelo apoio.

Às colegas, amigas e também companheiras de aventura. Aline Giorgis, Caroline de Lima, Clarisse Almeida e Mariel Moreira, pela parceria de viagem e de frio na barriga antes das apresentações de trabalhos em Maringá-PA, Jaguarão-RS e Recife-PE. E também ao amigo German Campos pela companhia sempre alegre em nossas viagens.

À banca mais potente, plural e arretada de todas, fazendo a ponte RS-PA-BA. Professora Isabel Teixeira, conhecida e amiga da graduação, do TCC. Professor Ferdnando Inocêncio, meu mimo paranaense, sempre querido, disposto e dedicado e por último, mas não menos importante, professor Djalma Thürler, que em nosso primeiro contato, via e-mail transmitiu seu AXÉ me deixou imensamente feliz pela disposição em participar de minha banca.

À minha grande amiga Bruna Lopes, por sempre estar disposta a trocar figurinha sobre nossas pesquisas e por sempre se mostrar interessada a me ajudar no processo de desmonte de verdades que nos engessam, nos apagam e nos limitam. Também por ser inspiração pela força, dedicação e luta por um mundo melhor pra todos, todas e todes. Gostaria de ressaltar que Briseida, como é conhecida pelos mais íntimos, também está nos meus agradecimentos do TCC. Rumo ao combo TCC-DISSERTAÇÃO-TESE.

Ao meu amigo Dionatan Araújo pelas conversas, pelos memes. Por ter me ajudado em um momento difícil, ter segurado as pontas no estágio quando eu tinha aula do mestrado, quando precisava fazer meus trabalhos e, principalmente, quando eu estava surtada. O que era

bem frequente. Que nossa amizade nos proporcione mais parcerias de trabalho e de pizzas, pão de alho e pastel de camarão no posto ao lado do Bidart.

Também gostaria de agradecer aos leitores, lembra-los que este trabalho visa ultrapassar os limites da academia e chegar aos mais distintos territórios. Sempre tive uma grande preocupação com a acessibilidade deste texto, a produção dele envolveu tantos lugares, tantas vidas, espero que agora ele possa transitar sem rumo e sem fronteiras. Que ele sirva de inspiração para outros trabalhos, que ele seja manipulado, destruído, reconstruído, que ele continue vivo e potente.

“Viver é etecetera”
(Guimarães Rosa – Grande Sertão Veredas)

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo promover discussão e reflexão acerca de dois artistas não binários, aqui chamados de @inumerasprojtil e translésbicha. Sustentada pelas teorias Pós-Estruturalistas e as Filosofias da Diferença, em especial, Suely Rolnik, Deleuze e Guattari, a pesquisa de cunho cartográfico assume o território do IV Seminário Internacional Desfazendo Gênero, em Recife (PE), para apreender dos/com os artistas, linhas de fuga que escapam à cultura heteronormativa e aos agenciamentos binários. Nesse devir cartográfico narro meu processo de desmonte de meus próprios regimes de verdade e evidencio que espaços como o Desfazendo Gênero são territórios decolonialmente potentes de produção, heterotopias de vivências não binárias.

Palavras-chave: Não binariedade. Performatividade. Gêneros. Sexualidades. Corpos.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo principal promover la discusión y la reflexión sobre dos artistas no binarios, aquí llamados @inumerasprojetil y translésbicha. Apoyada en las teorías postestructuralistas y las filosofías de la diferencia, en particular, de Suely Rolnik, Deleuze y Guattari, la investigación cartográfica se apodera del territorio del IV Seminario Internacional Deshaciendo el Género, en Recife (PE), para aprender de / con los artistas. , líneas de escape que escapan a la cultura heteronormativa y los ensamblajes binarios. En este devenir cartográfico relato mi proceso de desmantelamiento de mis propios regímenes de verdad y demuestro que espacios como Deshacer Género son territorios de producción descolonialmente potentes, heterotopías de experiencias no binarias.

Palabras-clave: No binario. Performatividad. Géneros. Sexualidades. Cuerpos.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01:	Ato Dia Internacional da Mulher em Bagé (RS).....	28
Figura 02:	Adesivos distribuídos no Ato Dia Internacional da Mulher em Bagé (RS).....	28
Figura 03:	Panfletos distribuídos no Ato Dia Internacional da Mulher em Bagé (RS).....	29
Figura 04:	Hall de entrada do Centro de Convenções de Pernambuco.....	40
Figura 05:	Esculturas que simbolizam as artes nordestinas.....	41
Figura 06:	Apresentação do Afoxé Oyá tokolê.....	42
Figura 07:	Apresentação de Grupo de Frevo.....	42
Figura 08	Cartaz do 4º Seminário Internacional “Desfazendo Gênero”	46
Figura 09	Produções artesanais de autores conhecidos, autores anônimos e pouco	49
Figura 10	Artivismo sexodissidente.....	50
Figura 11	Contrasenso.....	51
Figura 12	Frases e/ou palavras que conversam com a imagem retratada.....	52
Figura 13	Perfomance corporal.....	53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GAA	Gay Activists Alliance
GLF	Gay Liberation Front
GTs	Grupos de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LGBTQIA	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, <i>Queer</i> , Interssexuais, Assexuais/não binários/agêneros
NINETS	Núcleo de Investigações e Intervenções em Tecnologias Sociais
PIBID	Projeto de Iniciação à Docência
PE	Pernambuco
RS	Rio Grande do Sul
SEI	Simpósio Internacional em Educação Sexual
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UNI-RIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
XVIII	Dezoito
XIX	Dezenove
XX	Vinte
XXI	Vinte e Um

SUMÁRIO

1 ENTRE NÓS, ORDENS E FORÇAS.....	13
2 MACRO E MICROPOLÍTICAS DE PRODUÇÃO DE CORPOS.....	18
3 BINÁRIO E NÃO BINÁRIO: O QUE PODEM OS CORPOS.....	23
4 O TRAÇADO DO MAPA.....	34
5 (ENTRE)LINHAS E FLUXOS: (DES)FAZENDO TERRITÓRIOS.....	37
5.1 IV Desfazendo Gênero.....	39
5.2 Encontros e desencontros com o não binário.....	44
6 CONVITE À DESORDEM.....	55
REFERÊNCIAS.....	57
ANEXOS.....	61
ANEXO A – FOLDER.....	62
ANEXO B – SIMPÓSIOS TEMÁTICOS.....	64

1 ENTRE NÓS, ORDENS E FORÇAS

*“Eu não me vejo na palavra
Fêmea: Alvo de caça
Conformada vítima
Prefiro queimar o mapa
Traçar de novo a estrada
Ver cores nas cinzas
E a vida reinventar”*

(Triste, louca ou má – Francisco, El Hombre)

Essa Dissertação de Mestrado surge entre “nós na garganta”¹ e forças que me movem a pensar, estudar e refletir sobre as macro e micropolíticas de produção de gêneros e sexualidades que colocam em jogo práticas discursivas e não discursivas a disputar veracidade entre uma ordem binária, cis, heteronormativa e machista, e outra não binária.

Ordem binária que se impõem como padrão hegemônico e ordem não binária que age como força minoritária ao inventar performances² dissonantes em resistência às políticas de morte engendradas pela ordem majoritária.

Ordem majoritária que define a sexualidade, e conseqüentemente os corpos, num jogo de poder saber prazer, iniciado desde a época clássica e intensificado na modernidade. Como escreve Foucault (1988), a partir do século XVIII, os discursos sobre sexualidade se multiplicam, regras de decência são estabelecidas com o intuito de delimitar o que é o normal e o proibido. Prática de confissão introduzida pela pastoral católica: “pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar, agora, e em detalhe, no jogo da confissão e da direção espiritual” (FOUCAULT, 1988, p. 22), pois entende-se o sexo como pecado. E como a igreja, outras instituições também fazer parte desse jogo de relações de poder saber, buscando revelar uma verdade sobre o sexo, criando uma ordem discursiva de controle e governo dos sexos, sexualidades e corpos. O Estado, a justiça e a ciência. O pensamento científico moderno se coloca no jogo de objetivação do sexo, delimitando quais discursos são verdadeiros. Com isso, proliferam discursos binários sobre corpos e sexualidades. Corpos fadados a

¹ Tomo de empréstimo essa expressão usada por Rolnik (2018) para dizer das inquietações com as práticas e políticas de cerceamento dos corpos não binários e com as formas de interdição e violência que são impostas a esses que não se enquadram em padrões normativos de gênero e sexualidade.

² Em Butler (2016) podemos observar que Corporeidade e gênero como objeto de estudo, ambas materialidades performativas. Corpo e gênero são performados em uma determinada sociedade, para que a noção de não-binário seja melhor compreendida como um ruído da linguagem e dos dispositivos que performam a ordem binária. Para ela: [...] o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2016, p. 21).

existir de acordo com o que os discursos sobre o corpo delimitam, corpo esse que também é uma produção discursiva. Nesse jogo, as instituições modernas assumem o papel de conter e disciplinar as sexualidades periféricas: crianças, mulheres, homossexuais, de modo a inseri-las no padrão de normalidade instituído.

Ordem binária majoritária que, na contemporaneidade, vem se disseminando numa onda neoliberal e neoconservadora global e que tem ganhado adeptos nos setores e grupos religiosos, políticos, econômicos, culturais que assumiram posições de poder, inclusive no Brasil. Como nos alerta Rolnik (2018, p. 101): “a torpe subjetividade dos neoconservadores é arraigadamente classista e racista, o que os leva a cumprir seu papel nessa cena sem qualquer barreira ética e numa velocidade vertiginosa”.

Paul B. Preciado (2017) nos diz que a expansão do neoliberalismo em aliança com o crescimento do neoconservadorismo, é ocasionada por crises econômicas, democracias em vertigem e o sentimento de cansaço da população em relação ao sistema. Em prólogo do livro “Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada”, o filósofo aponta os textos de Rolnik como “um guia de resistência micropolítica em tempos de contrarrevolução” (PRECIADO, 2017, p. 11).

Contrarrevolução neoliberal e neoconservadora que lança mão de práticas discursivas e não discursivas de apagamento das conquistas alcançadas pelas lutas de feministas, movimentos LGBTQIA+: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transsexuais, *Queer*, Interssexuais, Assexuais/não binários/agêneros, entre outros, em nome de retomar e reforçar macropolíticas em que gêneros e sexualidades são produzidos majoritariamente pela ordem binária, categorização e definição que naturaliza seres homens e mulheres pelos órgãos genitais e esquadrinha posições sociais, culturais, políticas e econômicas apropriadas a cada categoria.

Nenhuma vida pode escapar à normalização e as que porventura escaparem devem ser corrigidas, reinseridas na ordem binária, pois anormalidades patológicas precisam ser curadas. Disseminação do medo e repulsa ao diferente.

Contudo, performances não binárias resistem, incomodam, constroem, sacodem e boicotam a grande ordem binária que anseia por governar desejos e punir desvios. Não se trata de propor a decomposição do pensamento em unidades antagônicas, binário ou não binário, mas de uma conjunção, binário e não binário, em que, à medida que se expandem, ambas as ordens se retroalimentam nesse embate de forças.

São esses “nós na garganta” que me fazem mover forças em direção a outras linhas de pensamento. Das primeiras inserções nos estudos e movimentos feministas no âmbito

acadêmico e social, que ainda me prendiam aos discursos binários, encontro possibilidades para deslocar meu pensamento e me aventurar ao que desconheço, existências não binárias.

Ao aprofundar leituras acerca da temática gêneros e sexualidades, comecei a me interessar por estudos e pesquisas em torno das performances que não se sujeitam a regimes de verdade majoritários. Os não binários são exemplos disso. Pessoas que vivem livremente suas sexualidades e gêneros, sem se colocarem em categorias sexuais, sejam elas quais forem. Sujeitos que brincam com a fixidez de gênero postas como verdades, subvertem e estremecem as estruturas binárias, heteronormativas e patriarcais que delimitam subjetividades. Esses outros que aí estão, que perturbam tantos outros e outras presos/as a generalizações e categorizações, regimes de verdade que delimitam modos de se experimentar os corpos e as existências.

Com as teorias Pós-Estruturalistas e as Filosofias da Diferença, percebo performances transgressoras à cultura heteronormativa que enfrentam e escapam dos agenciamentos binários, corpos insurgentes que se inventam e reinventam diferentes gêneros e sexualidades nas relações que estabelecem consigo mesmo e com os outros com os quais convivem.

Para tanto, combatem todas as formas de cerceamento das existências, todas as práticas que “educam” para normalizar, segregar sujeitos, práticas discursivas e não discursivas que instituem verdades em relação a gêneros e sexualidades enquanto categorias biológicas, natas, expressas nos corpos pelos órgãos genitais e que fabricam discursos binários do ser homem ou mulher.

Ordem binária majoritária que dá vasão à macro e micropolíticas de morte, fascistas, como dito por Foucault (*apud* DELEUZE; GUATARI, 1977, p. 12) em prefácio escrito para livro *O Anti-édipo*, e em que nos alerta sobre “o fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora”. Como resistir ao poder e captura de corpos e desejos? Foucault nos dá um pequeno, porém poderoso, guia de como escapar dos fascismos cotidianos que agem no governo das mentes, corpos e afetos: recusar esse poder, libertar-se de ideias totalizantes, verdades fixas e absolutas, que buscam padronizar, rotular.

Apoiada em Deleuze e Guatarri (2011) percebo que precisamos multiplicar forças nesta luta e encontrar aliados. Por isso, lancei-me numa pesquisa intervenção cujo território foi o IV Seminário Internacional Desfazendo Gênero, evento que, em sua quarta edição, aconteceu nos dias 13 a 15 de novembro no ano de 2019, no Centro de Convenções do Recife (PE) com o tema: “Corpos dissidentes, corpos resistentes: do caos à lama”. Lá, além de produzir dados para minha pesquisa apresentei meu projeto de dissertação para os presentes, em forma de pôster. Com a pesquisa busquei aproximar-me desses outros cujas performances não-binárias

transgridem a ordem heteronormativa e heterossexual, disputam veracidade na vida social e na comunidade acadêmica.

Essa experiência cartográfica me permitiu experimentar perceptos e afectos³ em encontros com sujeitos que se reconhecem não binários. Encontrei ali a produção micropolítica de linhas de força e resistência ao plano macropolítico de captura e governo dos corpos dissidentes, subversão à ordem binária majoritária, criação de linhas de fuga que possibilitam experimentar a transgressão à majoração da ordem binária.

Traduzir o que vivi em tamanha intensidade não é tarefa fácil! Ainda mais sabendo que o percurso cartográfico não se prende a estruturas lineares como é de costume na produção científico-acadêmica. Pensamentos intermezzos⁴ operam em fluxos que, por vezes de desconectam e se reconectam.

Tentarei, portanto, expressá-los aqui em três proposições: (1) evidenciar que as práticas discursivas e não discursivas neoliberais e neoconservadoras agem como forças aderentes à ordem macropolítica de gêneros e sexualidades binárias, visando a contenção e o apagamento dos movimentos feministas e movimentos quer, que, por sua vez, se constituem em micropolíticas de resistência ao plano majoritário; (2) traçar relações entre as teorizações que configuram a construção/desconstrução do binário, fazendo emergir a produção discursiva de gêneros e sexualidades como performatividades, o que me remete ao conceito não binário; e (3) cartografar o Desfazendo Gênero como território de produção de não binariedades a partir da descrição das experiências que lá vivi e que permitiram misturar-me a tantos corpos e performances transgressoras à ordem binária.

Experiência única e repleta de perceptos e afectos que transformaram existências. Neste devir cartográfico narro meu processo de inserção naquele território, os encontros e desencontros com outres que aconteceram em relações fortes e, pulsão de vida, entre risos e lágrimas. Movimento esse que destruiu muitas das minhas certezas, construiu pontes e me mostrou que a vida é muito mais do que meus livros, minha casa e minha universidade.

Quiçá este trabalho, possa desatar nós e produzir vertigens, ressonâncias plurais, ao juntar-se a outras forças e formas de resistências de corpos dissonantes e insurgentes que

³ Conforme Deleuze e Guatarri (2011) mover o pensamento é afetar-se de algum modo pelos discursos e experimentar agenciamentos. As afecções são os efeitos dessa relação que agem nos corpos, criam devires e perceptos aumentando ou diminuindo a potência de vida e de ação no mundo.

⁴ Segundo Deleuze e Guatarri (2011) O pensamento intermezzo opera por uma síntese conjuntiva e não disjuntiva, ou seja, opondo-se à dialética cujo fundamento básico é a contradição, a oposição, ou isso ou aquilo. A produção ocorre entre diferentes modos de pensar e de se deslocar do que já foi pensado.

inventam performances não binárias. E que soe como manifesto a ecoar e multiplicar essas vozes de quem cria com seus corpos, suas forças e existências no mundo, outras vidas possíveis.

2 MACRO E MICROPOLÍTICAS DE PRODUÇÃO DE CORPOS

Joga pedra na Geni!
 Joga pedra na Geni!
 Ela é feita pra apanhar!
 Ela é boa de cuspir!
 Ela dá pra qualquer um!
 Maldita Geni!
 (Geni e o Zepelim - Chico Buarque)

Os estudos que tenho feito na linha das teorias Pós-Estruturalistas e das Filosofias da Diferença, levam-me a pensar os corpos como efeitos da produção discursiva e não discursiva de macro e micropolíticas agenciadas em cada processo histórico.

De acordo com a perspectiva foucaultiana, os discursos são materialidades que produzem relações de poder e saber e regimes de verdade:

[...] em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Nesta seção, coloco em questão práticas discursivas e não discursivas neoliberais e neoconservadoras, em evidência nos tempos presentes em escala global, que agem como forças aderentes à criação de uma ordem macropolítica de gêneros e sexualidades binárias, visando a contenção e o apagamento dos movimentos feministas e demais movimentos sociais de resistência ao plano majoritário.

Inicialmente, quero chamar a atenção para os conceitos neoliberalismo e neoconservadorismo como movimentos que diferem “de velhas formas da economia liberal” (FOUCAULT, 2008, p. 160) iniciadas no mundo ocidental do século XIX. Nas políticas neoliberais do atual contexto histórico, econômico e social global a economia baseada num princípio de troca e igualdade é substituída pelo fundamento da concorrência e da desigualdade. Para que a economia cresça cada sujeito deve assumir os riscos de empreender, responder pelos sucessos e fracassos de seus empreendimentos. ⁵“Trata-se da individualização da política social, ou seja, não se trata de assegurar aos indivíduos uma cobertura social dos riscos, mas de conceder a cada um uma espécie de espaço econômico dentro do qual podem assumir e enfrentar os riscos”.

Cabe ao Estado governar o menos possível, liberando as transações entre produtores e consumidores de modo a garantir uma atmosfera política, econômica e social favorável ao

⁵ FOUCAULT, 2008, p. 198.

crescimento do mercado, ou seja, todas as barreiras que possam desestabilizar a economia concorrencial devem ser suprimidas. Daí as reformas neoliberais efetivadas, desde o século XX nos países capitalistas centrais e periféricos em todas as esferas da vida social: reformas nas leis trabalhistas, reformas na previdência social, reformas tributárias, reformas na educação, as quais favorecem a privatização e aprofundam as desigualdades sociais, o desemprego e a exclusão.

Ao neoliberalismo alia-se o neoconservadorismo que, em linhas gerais, pode ser definido como exaltação ao passado, uma tentativa de voltar aos costumes tradicionais, ideal moralista. Para os neoconservadores a sociedade deve respeitar a “ordem natural” (APPLE, 2004, p. 51). Mas, o que se entende por natural, normal? Discursos neoconservadores estão debruçados em uma ideia de que a ciência moderna é quem define o que é normal, natural, certo ou errado.

Além do ideal patriota e nacionalista, o neoconservadorismo incrementa discursos religiosos fundamentalistas que se instauram em sociedades ditas democráticas, que, por lei, são laicas. Nelas, a miscigenação de culturas e povos, decorrente dos fortes fluxos migratórios, é combatida ferozmente pelos governos e movimentos neoconservadores. O que representa uma contradição às políticas neoliberais que agem a favor da livre circulação de bens, serviços e mercadorias, incluindo aí a mão-de-obra de imigrantes como fator de desenvolvimento do capitalismo em escala mundial.

Porém, no que tange a liberdade de gênero e sexualidade e os direitos dos grupos e sujeitos que escapam ao padrão heteronormativo, neoliberais e neoconservadores se unem em propósitos semelhantes, partilham de uma mesma moral e modelo de identificação subjetiva (ROLNIK, 2018, p. 13).

O fato é que o neoconservadorismo expressa uma repulsa ao desconhecido, ao diferente, e essa ideia de “outro” exclui, separa os “bons” dos “maus”, “nós” e “eles”. E toda essa movimentação se faz pelo claro “medo do outro”, como diz Apple:

Por trás de grande parte disso, está uma clara sensação de perda – uma perda de fé, de comunidades imaginadas, de uma visão quase pastoral de pessoas semelhantes que compartilhem de normas e valores, e nas quais “a tradição ocidental” reine suprema. Isso se assemelha bastante à discussão de Mary Douglas da pureza e do perigo, em que aquilo que se imaginava existir é sagrado, e a “poluição” é temida acima de tudo. Oposições binárias do tipo nós/eles dominam esse discurso, e devemos temer a cultura do “outro” (APPLE, 2004, p. 52).

Oposições binárias que, segundo Derrida citado em Tomaz Tadeu da Silva (2014, p. 83), “não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma

oposição binária um dos termos é sempre privilegiado”, ou seja, as relações de assimetria se mostram claras. Se temos um padrão social, regido pela heteronormatividade, tudo que está fora dessa ordem é demonizado. Ainda para Silva (2014, p. 83) “questionar identidade e diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam”.

Conforme Rolnik (2018), na macropolítica enquanto insurreição, o foco da atuação de seus agentes está nas relações de poder geradas pela assimetria de direitos, o que os move é a necessidade de denúncia das injustiças, com o intuito de mobilizar consciências. Seu modo de operação se baseia em combater o opressor e suas leis, por meio da construção de movimentos organizados. Já a insurreição micropolítica o foco está focado nas subjetivações, no invisível aos olhos, não tem apenas o humano como possibilidade de realização. Nela os agentes humanos e não-humanos emergem para criar potências contra mecanismos de destruição da vida. Aqui os agentes podem estar em posição de subalternidade ou não, mas sempre resistindo às práticas de violência à pulsão de vida, mobilizando inconsciente, se potencializando e criando linhas de fuga. Aqui se rejeita a ideia de empoderamento, a substituindo por uma ideia de potencialidade, operando com essas potências na desordem, sem estrutura preestabelecida para a produção de vidas outras.

Rolnik (2018) opera com essas teorizações, também, ao reportar-se a noção de inconsciente capitalístico, ou seja, o capitalismo contemporâneo serve-se da apropriação não só das forças produtivas dispendidas pelas materialidades dos corpos, como também do desejo e da pulsão de vida que cada ser possui de modo mais singular e íntimo. Não que o desejo seja algo obscuro, irracional, mas sim, produzido, inventado e, por muitas vezes, apropriado por forças individuais e coletivas e relações de poder saber disseminadas na/pela cultura de massa. Como aponta a autora, trata-se de um regime colonial capitalístico que mantém indivíduos e coletividades cativas do conservadorismo extremo associado ao neoliberalismo e conta com pleno apoio das massas, uma regressão brutal ao que há de mais arcaico e fatal, uma contra-revolução aos direitos conquistados pelos movimentos sociais.

Operação macropolítica que a autora chama de “cafetinagem” em que “a própria pulsão de criação individual e coletiva de novas formas de existência” é canalizada para a extração de forças que mantenham a produção, não apenas econômica, mas também, intrínseca a ela, a cultura e a subjetividade, o que confere a esse regime “um poder perverso mais amplo, mais sutil e mais difícil de combater” (ROLNIK, 2018, p. 33).

No plano discursivo binário da ordem majoritária, corpos são definidos pelos órgãos genitais, nomeiam gêneros e, mais tarde, determinam quais relações sexuais são normais e

anormais. Nessa lógica, gêneros e sexualidades são atribuídos pelo padrão binário e heteronormativo: homem/mulher.

Discursos de exclusão, de competição, sob um olhar binário, cis, heteronormativo e machista tem o papel de definir os corpos como identidades de gênero e sexualidades e quais delas devem ser reforçadas, aprendidas, na vida social. Por outro lado, quais devem ser tratadas, corrigidas e reinseridas na vida em sociedade pela ação de instituições como as escolas.

Afinal, a escola carrega em si a tradição moderna de instituição disciplinadora onde se estabelecem produções de gêneros e sexualidades aliadas à ordem binária, reforçando o que é o masculino e o feminino por meio de processos de rotulação e segregação. Os currículos incidem sobre a produção de subjetividades e podem naturalizar posições de gênero e sexualidade.

A proibição de assuntos como sexualidade, na escola, é impulsionada por um discurso religioso que, por estar alinhado ao neoconservadorismo acredita em uma sociedade pura, livre de diversidade e que prega a demonização do diferente. Para os neoconservadores não cabe nos currículos o estudo e o debate das diferenças sociais, culturais, étnico-raciais, sexuais.

Discursos esses que estão presentes nas políticas educacionais em curso e nos contextos escolares, entre outras formas, pela ação de movimentos como o “Escola sem Partido” que advoga contra a abordagem das diferenças de gênero e sexualidade nos currículos, afirmando atuar em defesa da família formada por relações heteroafetivas (família branca, constituída por um pai; homem, hétero, cis, uma mãe; mulher, também hétero cis; possuidores de um padrão de vida de classe média/alta em que o pai trabalha fora e a mãe cuida da casa).

Porém, cabe questionar: quantas famílias brasileiras se enquadram nesse padrão? Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) entre 2005 e 2015 o aumento foi de 1,1 milhão de famílias compostas por mães solteiras. Também cabe pensar nos casos de crianças criadas pelos avós, adotados por casais do mesmo sexo, entre tantos outros. Além disso, segundo dados do Ministério da Saúde, coletados entre 2011 e 2017 e publicados no Portal de Notícias G1, em 2018, a maioria dos casos de violência sexual contra crianças e adolescentes acontece dentro de casa (PORTO, 2019).

Considero que as ações e os discursos neoliberais e neoconservadoras em voga na contemporaneidade, operam além da biopolítica identificada por Foucault como regulação da vida da população, ao se constituírem em políticas de morte, necropolíticas como diz Mbembe (2018):

[...]sob quais condições práticas se exerce o poder de matar, deixar viver ou expor à morte? (...) Essa noção de biopoder é suficiente para contabilizar as formas contemporâneas em que o político, por meio da guerra, da resistência ou da luta contra o terror faz do assassinato do inimigo seu objetivo primeiro e absoluto? (MBEMBE, 2018, p. 06).

Ao levar em consideração contextos de colonização e guerra, o autor enfatiza o poder da morte como prática comum de violência que submete a vida das populações colonizadas e dilaceradas pelas armas e aparatos tecnológicos devastadores. Guerras que também dilaceram corpos dissidentes que não tem direito à fala, à proteção e também à vida. Guerras cotidianas que não são tão evidenciadas, mas que matam populações inteiras, a exemplo dos transexuais (PORTAL DE NOTÍCIAS O GLOBO, 2018).

Somos diariamente interpelados por discursos que normatizam gêneros e sexualidades, e que decidem quais os corpos podem existir. Segundo Butler (2016):

Esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são "sujeitos", mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas "inóspitas" e "inabitáveis" da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do "inabitável" é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito (BUTLER, 2016, p.112).

Seres abjetos, aqueles que não se enquadram na normalidade, “aqueles que ainda não são”, constituem a exterioridade da vida em sociedade, pois o ser, o sujeito que pode habitar o interior da sociabilidade e ocupar os lugares circunscritos aos gêneros binários, é o ser homem ou ser mulher. E mais, só se pode relacionar sexualmente o par heteronormativo, mulher e homem e. Esse é o plano discursivo e não-discursivo da ordem patriarcal, ordem majoritária, em que corpos e identidades são definidas pelos órgãos genitais que nomeiam gêneros masculino ou feminino como padrão de normalidade.

Contudo, outros discursos também estão em disputa. Discursos que sinalizam linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2011) ao subverter a ordem instituída, desmontando verdades e normas, instigando a aprofundar o debate e perceber a complexidade das práticas discursivas e não-discursivas em relação à produção de gêneros e sexualidades.

Há um número significativo de artistas *dragqueens*, transexuais, gays; no cinema, teatro e dramaturgia, mesmo que timidamente, são postos em suas histórias personagens com diversas identidades de gênero e sexualidades, vivendo papéis cada vez menos estereotipados. Essas forças de resistência não surgiram recentemente, desde muito tempo há uma urgência de esses discursos resistirem e existirem, e o movimento feminista é exemplo disso.

O feminismo ganhou força na virada do século com o “sufragismo”, movimento que reivindicava o direito das mulheres ao voto. Ao adquirir uma relevante visibilidade e força, foi reconhecido como a “primeira onda” feminista. Vale ressaltar que essa primeira movimentação estava ligada apenas às mulheres brancas e de classe média, suas reivindicações visavam apenas esse público, esse grupo não se mobilizada sobre outras pautas. Com isso “foi seguido de uma certa acomodação do movimento” (LOURO, 1997, p. 15).

Ao final da década de 1960, na “segunda onda”, o feminismo começa a se preocupar também com as teorizações sobre o conceito de gênero. O ano de 1968 representa um “marco da rebeldia e da contestação”. “A referência é útil para assinalar, de uma forma muito concreta, a manifestação coletiva da insatisfação e do protesto que já vinham sendo gestados há algum tempo” (LOURO, 1997, p. 15).

França, Estados Unidos, Alemanha e Inglaterra tiveram os movimentos atuantes e fortes, unindo negros, mulheres, jovens e estudantes inconformados com “os tradicionais arranjos sociais e políticos, às grandes teorias universais, ao vazio formalismo acadêmico, à discriminação, à segregação e ao silenciamento”. É nesse contexto que o movimento feminista contemporâneo ressurgiu “expressando-se não apenas através de grupos de conscientização, marchas e protestos públicos, mas também através de livros, jornais e revistas” (LOURO, 1997, p. 15).

Pode-se observar que a primeira e a segunda onda estão diretamente ligadas ao seu momento histórico. Em um primeiro momento, enquanto as reivindicações priorizavam a inserção na vida pública, a chamada “segunda onda” abrange um número maior de sujeitos e também aborda aspectos políticos além dos econômicos. Dividir esses momentos em blocos, ondas, é apenas uma forma de facilitar a compreensão, afinal todos esses momentos são atravessados por outros acontecimentos, fazem outras relações, são construídos gradativamente.

Os movimentos feministas e LGBTQIA+ são marcados pelas suas lutas, lutas por respeito, visibilidade, igualdade, entre outras reivindicações. Na história, o movimento LGBTQIA+ registra a “Revolta de Stonewall” como marco precursor. Stonewall é um bar novaiorquino onde frequentemente sofria intervenções policiais truculentas e desrespeitosas com seus frequentadores. Frequentadores esses que eram em sua maioria pessoas que viviam à margem social, principalmente homossexuais.

O bar era gerenciado por pessoas que cometiam algumas irregularidades e estavam frequentemente sob investigação, porém em 28 de julho de 1969 Stonewall foi vítima de uma intervenção muito forte da polícia. Alegando venda proibida de bebida alcoólica os policiais

prenderam funcionários, agrediram frequentadores e levaram algumas travestis e *dragqueens* para a viatura. Em meio à confusão as pessoas que estavam fora do bar, que jugavam aquela ação desnecessária e pesada, começaram a atirar objetos contra os policiais. Além disso depois de acertarem um suposto jornal com fogo dentro do bar, o mesmo começou a pegar fogo, esquentando ainda mais o confronto estabelecido.

Esse fato serviu para que a comunidade LGBT da época fosse para a rua reivindicar seus direitos, e mais do que isso, para que as pessoas comesçassem a se organizar de forma mais consistente.

Para o historiador David Carter, em seu livro “*Stonewall: the riots that sparked the gay revolution*”, “foi essa rebelião que marcou o início do movimento pelos direitos gays). Uma das consequências de *Stonewall* foi a criação de dois grupos que desempenharam um papel importante na história do movimento LGBT: o *Gay Liberation Front* (GLF) e o *Gay Activists Alliance* (GAA)” (CARTER, 2010 *apud* GUIA DO ESTUDANTE, 2017). A partir disso o movimento LGBT foi ganhando sua forma de acordo com cada contexto e marcando essa data com as chamadas “Paradas do Orgulho LGBT”, onde as pessoas vão para as ruas para protestarem e darem visibilidade à causa.

Outro exemplo de força e resistência, é a Parada LGBT de São Paulo, cuja primeira edição foi realizada em junho de 1997 na imponente e popular Avenida Paulista, com o intuito de protestar contra as violências sofridas, mas também comemorar o orgulho LGBT (PARADA SP, 2020).

Hoje a conhecida Parada do Orgulho LGBT é realizada pela Associação do Orgulho LGBT de São Paulo e se destaca por ser um dos maiores e mais populares eventos com essa temática. Exemplo disso é que só na edição de 2019 reuniu cerca de 3 milhões de pessoas, de acordo com os organizadores, reforçando sua importância (G1, 2019).

Entre os estudos contemporâneos acerca das sexualidades dissidentes, cabe ressaltar a Teoria Queer, considerada uma teoria pós-identitária que ganha força nos anos 90, pensada e disseminada por Judith Butler, professora de retórica e literatura comparada na Universidade da Califórnia, em Berkeley.

Salih (2015, p. 19) explica que “a Teoria Queer surgiu, pois, de uma aliança de teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas que fecundavam e orientavam a investigação que já vinha se fazendo sobre a categoria do sujeito”.

O termo *queer* representa a dificuldade de definição ou de sentido estável. Que para Butler é ligada ao gênero. O *queer* não é algo definido, preestabelecido, mas é algo que se constrói e se reconstrói constantemente. O “sujeito” gay, lésbico, enfim, na teoria *queer* é livre

de pressupostos. E esse “sujeito” de Butler não é o “indivíduo”, aquele que não se divide, não se influencia ou não é influenciado, mas é o sujeito que se constrói o tempo todo.

Levando em conta tais teorias, também há que se considerar que os modos de se fazer resistência são transitórios e a política, economia e configuração social está em constante mudança “não basta agir na esfera macropolítica” (ROLNIK, 2018, p. 33) pois “períodos de convulsão são sempre os mais difíceis de viver, mas é neles também que a vida grita mais alto e desperta aqueles que ainda não sucumbiram integralmente à condição de zumbis” (ROLNIK, 2018, p. 25), zumbis do sistema colonial capitalístico e até mesmo zumbis dos próprios movimentos sociais tradicionais.

Segundo Butler (2016, p. 18-19): “Foucault observa que os sistemas jurídicos de poder produzem os sujeitos que subsequentemente passam a representar”. Logo, o poder age no discurso, gerando “limitação, proibição, regulamentação, controle e mesmo proteção”, ou seja, os sujeitos são “formados, definidos e reproduzidos” através das práticas discursivas e não-discursivas que seguem legitimando as mesmas estruturas de poder postas pelo que se diz lutar contra.

No atual cenário de acirramento das disputas e crescimento das forças de cerceamento de sexualidades e discursos dissidentes é cada vez mais importante aliar movimentos macro e micropolíticos de resistência e, nesse plano, “novos tipos de ativismos” (ROLNIK, 2018 p. 24) se fazem necessários. Novo tipo de ativismo que não se submeta às institucionalizações, seja jovem, forte, provocativo.

A exemplo disso “as ocupações nas escolas públicas em 2015” (ROLNIK, 2018 p. 25), sinalizam outros tempos possíveis em que agentes das micropolíticas potencializam outras formas de existências, espaços livres de afetos e diálogos ricos para que a força de resistência abarque uma grande pluralidade de vidas, tecendo territórios em que todos os corpos possuam vez e voz, renegando-se a ideia de representatividade de “sujeitos messiânicos que possam salvar excluídos da tirania”, subvertendo o plano majoritário de esquadramento dos corpos, tempos e espaços escolares, produzem-se, assim, micropolíticas de resistência que criam outras formas de existir pelo meio.

3 BINÁRIO E NÃO BINÁRIO: O QUE PODEM OS CORPOS

Mulher da zona, Mulher da rua, Mulher perdida,
 Mulher à toa. Mulher da vida, Minha irmã.
 (Mulher da Vida – Cora Coralina)

Sinto-me afetada pelos modos com corpos, gêneros e sexualidades são produzidos discursivamente, reiteradamente, desde que recorde as experiências que vivi na infância e adolescência. Criada numa família de mulheres (éramos eu, minha avó e minha mãe), vivi por muito tempo em uma cidade pequena e presenciei discursos cerceadores em relação à ausência da figura paterna, algo que naquela época não entendia muito bem. Ao longo da adolescência ouvia as pessoas comentarem que “minha mãe precisava de um homem pra ajudar a me criar, me colocar limites”; “precisava de um homem, pois uma mulher sozinha não era respeitada”. Comentários que me incomodavam muito, pois decorrem de uma tradição patriarcal que alimenta relações binárias, sendo preservada a ideia dos homens como “chefes de família”, os provedores, aqueles que pensam, os estrategistas, que ocupam os melhores cargos no mercado de trabalho, enquanto as mulheres ganham menos e ainda são vistas como “sexo frágil”.

Tradição patriarcal onde só o par masculino/feminino é aceitável e toda expressão de gênero que está fora dessa ordem regida pela heterossexualidade é marginalizada. “Nós na garganta” que agiram em mim como forças de contestação aos padrões instituídos como normalidade.

Foram esses “nós” que me instigaram a fazer parte de grupos feministas, durante a trajetória acadêmica na graduação em Letras, onde me senti contagiada pelos estudos, pensamentos e discussões que rolavam e moviam jovens mulheres a contestar padrões heteronormativos, levando essas discussões para diversos lugares onde elas não chegavam. Assim, ensaiamos a criação de uma micropolítica de interlocução com estudantes da Educação Básica que tínhamos contato nas escolas, através do Projeto de Iniciação à Docência (PIBID), trabalhando a formação de leitores literários e aproveitando as brechas para relacionar essas leituras com temas atuais como racismo, sexualidades, machismo, entre outros.

As leituras feitas nos grupos feministas na universidade me encorajaram a abrir outras linhas de fuga, desdobrando-se na produção do Trabalho de Conclusão do Curso quando, por meio de minha orientadora, conheci os estudos pós-estruturalistas, o que intensificou minhas inquietações. Entendi que era pertinente a problemática acerca do discurso, que discurso é ação. Então, me joguei na pesquisa sobre a performatividade do discurso feminino em shows de *stand*

up Comedy, analisando o que é dito sobre o feminino e suas implicações nas relações entre homens e mulheres (PORTO, 2016).

Já no Mestrado, a linha de análise foucaultiana me leva a problematização das práticas discursivas e não discursivas que reforçam posições binárias e heteronormativas de gênero e sexualidade. Práticas discursivas (o dito, o enunciável) e não-discursivas (relações de poder e saber e modos de subjetivação) que definem a verdade dos corpos e exercem controle sobre o que pode ou não ser vivido.

Historicamente, a circulação de discursos em torno de sexualidades que escapam ao padrão heteronormativo são interditas em nome da preservação das instituições e de valores morais: Vale o que diz Foucault (1996, p. 9): “Não se pode dizer qualquer coisa em qualquer lugar”. Acerca das questões de gênero e sexualidade existe uma rarefação discursiva – princípio segundo o qual ‘alguns’ tem o status privilegiado na ordem dos saberes.

Posições binárias e relações heteronormativas são reforçadas pelos discursos neoconservadores e pelas práticas não-discursivas constituídas por relações de poder e saber, regimes de verdade e processos de subjetivação que incidem sobre a produção dos corpos.

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e como poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Embora, nas universidades e escolas, o contingente de movimentos, militantes e pesquisadoras que tratam da temática feminino(s) e feminismo(s) e seus desdobramentos em suas produções científicas vêm crescendo cada vez mais, percebo que ainda persistem práticas tradicionais e discursos que reforçam posições binárias de gêneros e sexualidades. O que também é uma prática dos movimentos de mulheres em âmbito local.

Foi a experiência que vivi na marcha das mulheres, na cidade onde moro, no 08 de março, Dia Internacional da Mulher, um marco histórico das lutas feministas. Esse ato, serviu de inspiração para a escrita do trabalho “Marchas feministas: onde estão as mulheres?”, apresentado no VI Simpósio Internacional em Educação Sexual (SEI) ocorrido na Universidade Estadual de Maringá, de 24 a 26 de abril de 2019 (PORTO; VOSS, 2019).

Naquele momento, busquei problematizar a produção discursiva de “um sujeito mulher como prática insuficiente para abarcar a multiplicidade de existências femininas possíveis” e

dar “visibilidade a mulheres cujas pautas não são atendidas nessas mobilizações”. Procurei participar das reuniões preparatórias do movimento de mulheres que organizou o 08 de março na minha cidade. Não houveram discussões substanciais. E, naquele dia, o ato restringiu-se a um grupo de mulheres e homens reunidos numa praça central onde comumente acontecem as movimentações reivindicatórias e atos cívicos. Foi um dia de chuva forte, com temperaturas baixas. O grupo conversava entre si, formando um círculo fechado das pessoas que ali estavam (PORTO; VOSS, 2019).

Figura 1 – Ato Dia Internacional da Mulher em Bagé (RS)



Fonte: Autora (2019)

Algumas pessoas tinham em mãos panfletos feitos por partidos políticos. Esse material denunciava as perdas trabalhistas causadas pela reforma da previdência em tramitação no Congresso Nacional Brasileiro.

Figura 2 – Adesivos distribuídos no Ato Dia Internacional da Mulher em Bagé (RS)



Fonte: Autora (2019)

O outro panfleto continha um texto sobre a vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco, assassinada no ano de 2018, crime que tem movido diferentes setores sociais a contestarem as circunstâncias e as razões do fato ocorrido.

Figura 3 – Panfletos distribuídos no Ato Dia Internacional da Mulher em Bagé (RS)



Fonte: Autora (2019)

As experiências vividas nos movimentos feministas locais e o Ato de 08 de março de 2019, levam-me a perceber que o sujeito mulheres acaba por constituir-se numa unidade enunciativa incapaz de contemplar a multiplicidade de modos de existências que mulheres experimentam em suas lutas diárias, portanto, encontra-se longe de representar boa parte desses sujeitos. O grupo que estava na praça não interagiu com as mulheres que ali passavam, mulheres que transitavam pelas ruas ao redor da praça. Elas seguiam seu fluxo sem serem minimamente interpeladas por quem diz “representar” as mulheres (PORTO; VOSS, 2019).

Por outro lado, o vazio dessa enunciação é preenchido por uma parcela de reivindicações que interessam a um determinado contingente de mulheres e, no contexto local, os movimentos feministas de um modo geral permanecem ligados e legitimando as mesmas estruturas de poder postas pelo que se diz lutar contra, ou seja, disputas partidárias pelo poder do Estado Liberal.

Durante minha trajetória nos movimentos feministas e na produção acadêmica fui percebendo que, as ações de resistência têm como prioridade a institucionalização das lutas no contexto macropolítico. Lutas por ascensão de direitos reconhecidos nas leis. Homossexuais reivindicam o direito ao casamento civil, transexuais querem trabalhar de carteira assinada em uma profissão que não seja a prostituição. Subjetivam-se, assim, novas categorias sociais que buscam visibilidade e reivindicam “seu lugar” e a garantia do Estado Liberal de políticas públicas voltadas ao acesso aos bens culturais, econômicos e sociais do sistema capitalístico.

Como nos mostra Rolnik (2018) as subjetividades sob domínio do sistema capitalístico são produzidas em macro e micropolíticas tanto ativas quanto reativas. As macropolíticas resultam dos movimentos de conservação que disputam formas de existência e posições no regime social, político, e cultural vigente. Já as micropolíticas correspondem ao embate em torno do desejo e das forças vitais para além das condições materiais e temporais que circunstanciam as existências de indivíduos e grupos. Desse modo, tanto macropolíticas quanto micropolíticas se inter-relacionam, pois há diferentes formas de subjetivar-se e de produzir existências no tempo e nos lugares que habitamos.

Movimentos sociais que seguem a linha macropolítica, em geral, elegem suas lideranças, seus “representantes”, que assumem o “poder de fala pelos excluídos” em busca das reivindicações de quem continua invisível.

Para Rolnik (2018) as ações das esquerdas ditas tradicionais não transformam a cultura machista, pelo contrário, a reafirmam, pois:

Tomemos como exemplo o combate das mulheres. É indispensável e inadiável que a mulher se insurja contra a desigualdade nas relações de gênero. No entanto, se ela busca sair de seu lugar subalterno insurgindo-se apenas nessa esfera, macropolítica, nada garante que sua subjetividade recupere sua plena existência, pois isso depende de que ela se reaproprie da pulsão, cujo destino lhe foi sequestrado por essas mesmas relações de poder. Se ela não se insurge igualmente nessa esfera, micropolítica, é provável que ela continue se mantendo dependente do olhar do homem para se sentir existindo e, com isso, ela não só permaneça cativa da cilada da dominação masculina e do abuso machista, mas o alimente com seu próprio desejo (ROLNIK, 2018, p. 135).

Mudar o foco e os modos de operação nas dimensões macro e micropolíticas requer novas leituras. Penso que, os textos de Judith Butler, potencializam perspectivas dissidentes da ordem machista e heteronormativa. Ao mover o pensamento sobre a produção de corpos, gêneros e sexualidades em performances não binárias, busquei aprofundar leituras, especialmente os textos de Judith Butler, que me levam a escapar da ordem binária majoritária. Partindo desses estudos, entendo ser possível questionar discursos que regulam a vida social e instituem padrões culturais, pois é pela linguagem que nos constituímos, enquanto gênero, enquanto sujeitos binários e não binários, é ela, a linguagem, nosso objeto.

Nesse sentido, associo o conceito de performatividade criado por Butler aos estudos de Austin acerca da linguagem. Esse autor divide os enunciados discursivos em dois tipos, os performativos, que realizam ações quando ditos, e os enunciados constataivos, que como o próprio nome sugere, realizam uma afirmação, descrevem a ação. Ainda, para o autor, existem os Atos Locucionários, Ilocucionários e Perlocucionários. O Ato Locucionário é o significado referencial que envolve uma nomeação e uma predicação; o Ilocucionário refere-se à força

atribuída ao enunciado – de pergunta, de resposta, de dúvida, de asserção, etc. – e o Perlocucionário refere-se aos efeitos produzidos no interlocutor. Linguagem, portanto, é um ato, ação (PINTO, 2001).

Butler (2016) serve-se dessa teoria para desenvolver sua análise sobre a performatividade do discurso em relação à produção de diferenças de gênero. Dizer que o gênero e o sexo são performativos é afirmar que não pertencemos a esse ou aquele gênero e sexo desde sempre, que diferenças não são naturais, mas naturalizadas.

Alinhada à Foucault, ela afirma que os sujeitos generificados são produzidos discursivamente e acrescenta a esse pensamento o conceito de performatividade como ação constitutiva dos processos de subjetivação que acontecem por inúmeras interseções políticas e culturais, entrecruzando as diferenças de gênero e sexo com outras dimensões, como raça, etnia e classe social.

[...] o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2016, p. 21).

Delimitar o gênero a uma “unidade” é reconhecer que ele está sob “[...] efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2016, p. 67).

Também Salih (2015, p.129), remetendo-se aos estudos de Butler, afirma que “[...] a citacionalidade de Derrida pode ser utilizada como uma espécie de estratégia *queer* para converter a abjeção e exclusão das identidades sexuadas, generificadas, não sancionadas em agências políticas”.

Pinto (2013, p. 1) em artigo escrito para a revista Cult, esclarece o termo ao dizer que “citacionalidade é a propriedade do signo de ser retirado de seu contexto ‘original’ e deslocado para outro, produzindo, por isso mesmo, significado”. A citacionalidade tem a ver, portanto, com a repetição de enunciados que produzirão significados distintos em função da enunciação e dos interlocutores envolvidos. Trazer essa definição para a teoria *queer* é problematizar os efeitos causados pelos performativos de gênero introduzidos em diferentes contextos.

Levando-se em conta o que diz Butler (2016, p. 56): “gênero é sempre um feito”, e que “[...] não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente construída pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados”, os

discursos terminam por produzir os sujeitos homens e mulheres de que falam, naturalizando os lugares que cabe a cada um/a ocupar na ordem estabelecida.

Em seu livro *Problemas de Gênero: feminismo e subversão* (2016), ela questiona a dicotomia sexo/gênero, a heterossexualidade compulsória, e afirma que sexos, gêneros e sexualidades são construídos historicamente por discursos, levando em consideração relações de poder e submissão em uma sociedade patriarcal regida pela heterossexualidade e binarismos.

Butler (2016, p. 236) expressa a complexidade dos conceitos gênero e sexualidades ao dizer que:

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável.

Ou seja, não é possível acreditar que haja uma identidade fixa, certa, inata, onde “meninas vestem rosa, meninos vestem azul. Trazer esses temas para o debate é de suma importância para entender que verdades podem ser desnaturalizadas. Professores, comunidades escolares, universidades, famílias, precisam colocar em suspenso essas verdades sobre os considerados “diferentes” e entender que sexualidades e gêneros, são conceitos mais complexos. De acordo com Butler (1990 *apud* SALIH, 2015, p. 87) “a percepção e o corpo são discursivamente construídos através da exclusão, do tabu e da abjeção”.

A pesquisadora Viviane Vergueiro⁶ (2015), em sua Dissertação, além de refletir sobre cisgeneridade, interseccionalidade, heterossexualidade e branquitude, entre outras problemáticas, valendo-se de uma pesquisa autoetnográfica traz algumas considerações sobre a binariedade a relacionando à subordinação à cisgeneridade, onde o objetivo é determinar os gêneros em somente duas categorias. Além disso, esse [cis]tema⁷ colabora na consagração de uma sociedade que não legitima corpos outros, sexualidades outras, gêneros outros que não cabem dentro dessa proposição excludente. E são todas essas regras e normas que não binariedade rejeita, ao respeitar a multiplicidade de devires performáticos.

Para tratar sobre a não binariedade, além de me apoiar na teoria *queer*, também trago as reflexões de Paul B. Preciado sobre o conceito de Contrassexualidade. A contrassexualidade

⁶ Mestre em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia cuja dissertação intitulada “Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade” foi apresentada para obtenção do título.

⁷ [Cis]tema. Termo utilizado para representar um sistema regido pela heteronormatividade compulsória

subverte categorias fixas de identidades de gênero e sexualidade considerando a potencialidade de corpos que não existem nas estruturas heteronormativas e binárias de poder.

Corpos sob uma perspectiva contrassexual “renunciam não só uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também aos benefícios que poderiam obter de uma naturalização dos efeitos sociais e jurídicos de suas práticas significantes” (PRECIADO, 2017, p. 21).

Sujeitos não binários experimentam sexualidades que escapam às teorias modernas, vivem nos guetos, nas ruas, são considerados “as falhas de estrutura do texto (corpos intersexuais, hermafroditas, loucas, caminhoneiras, bichas, saps, bibas, fanchas, *butchs*, históricas, saídas ou frígidas, *hermfrodykes*...)” (PRECIADO, 2017, p. 27).

Encontrar não binários é experimentar aproximações aos modos como pensam e compõem linhas de fuga e de força ao inventar micropolíticas de resistência à ordem majoritária foi o que objetivou o percurso cartográfico da pesquisa que fiz no contexto do IV Seminário Internacional Desfazendo Gênero; experiências que permitiram lançar como dispositivos de análise os conceitos aqui apresentados.

4 O TRAÇADO DO MAPA

Invento o mar.
 Invento em mim o sonhado.
 Para quem quer me seguir
 Eu quero mais.
 (Milton Nascimento - Ronaldo Bastos)

Sempre pensei que a pesquisa acadêmico-científica é bem mais prazerosa e significativa quando move desejos de quem se lança ao novo, ao inusitado, em busca de encontrar nessa ação ressonâncias ao que inquieta.

Por isso, optei por seguir transitando pelas teorias pós-estruturalistas e, à medida que fui aprofundando esses estudos, percebi que minha proposta inicial de pesquisa não suportava tudo o que borbulhava em minha cabeça. Daí a razão do projeto ter sofrido muitas mudanças, o que reitera a perspectiva de construção da pesquisa ao longo do processo.

Descobri, em Deleuze e Guattari, a cartografia como metodologia que precisava para dar conta do desafio que lancei a mim mesma, ao mudar o foco da pesquisa, e dirigi-lo ao exercício de pensar os modos como performances não binárias transgridem a ordem heteronormativa e heterossexual e disputam veracidade na vida social e na comunidade acadêmica.

Na cartografia “o observador está sempre implicado no campo de observação e a intervenção modifica o objeto (princípio de Heisenberg)” (PASSOS; BARROS, In: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 21). Sendo assim, observo que a cartografia não requer afastamento do pesquisador, suas subjetividades, sua história e suas verdades se misturam às do sujeito pesquisado formando assim um rizoma, por meio de atravessamentos e relações que compõem o mapa da pesquisa, uma vez que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 22).

E não há como ser diferente pois na cartografia “objeto, sujeito e conhecimento são efeitos coemergentes do processo de pesquisar não se pode orientar a pesquisa pelo que se suporia saber de antemão acerca da realidade” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 10).

Afirmar que a cartografia não possui regras pré-definidas, não tem um roteiro fixo a seguir ou que não busca confirmar respostas a priori acerca de problemas investigados, não significa que tudo possa ser feito a qualquer maneira, como muitos pensam, mas sim um modo experimentar a pesquisa como caminho do cartógrafo que vai se fazendo ao longo dessas

relações entre outros/es sujeitos, forças e linhas de produção de territórios que se desterritorializam e reterritorializam, constantemente.

Com isso, é preciso saber que “[...] o cartógrafo se guia sem ter metas predeterminadas. Seu caminho vai se fazendo no processo.” (ALVAREZ; PASSOS, In: PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 138). Sendo assim ressaltado a impossibilidade de iniciarmos a pesquisa com um problema fechado, sabendo com certeza o que se busca, prevendo o que vai se achar. Se adentrarmos no campo da pesquisa com certezas estabelecidas e prevendo o que iremos encontrar, acabamos por deixar passar situações, olhares, gestos, possibilidades que fogem do nosso alcance.

Daí a complexidade da pesquisa cartográfica. Precisamos nos despir de dogmas, preconceitos, precisamos estar abertos ao novo, sensíveis ao que muitas vezes escapam aos olhos. Precisamos ser receptivos pois “[...]o ignorante é passivo e, portanto, afeito às mudanças da moda e às forças hegemônicas, enquanto o receptivo é curioso.” (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015, p. 10),

Mas, ainda assim pode ficar a pergunta: então, afinal, como esses dados são registrados? O cartógrafo pode se valer de várias estratégias de produção de dados. Podem ser usadas entrevistas, vídeos, conversas, fotos, entre outras. Destacando-se, entre elas, a produção de narrativas.

Squire (2014) nos dá uma definição bastante ampla de narrativa, dizendo que é uma “cadeia de signos com sentidos sociais, culturais e/ou históricos particulares, e não gerais”, sendo assim, temos que entender que nas narrativas não há espaço para generalizações, mas que expressa subjetividades e particularidades, estando elas em relação com distintos contextos, formando assim linhas que se cruzam. Então “por operarem com a particularidade e não com a generalidade, não são reduzíveis a teorias” (SQUIRE, 2014, p. 273).

Tendo as narrativas como material de produção e análise de dados, em um primeiro momento pensei em entrevistas gravadas em vídeo, em áudio, anotações, material fotográfico, entre outros. Porém, pelo modo como aconteceram os encontros com os sujeitos não binários, pude usar como material as narrativas das conversas registradas no diário de campo, as produções artísticas nos zines e nos desenhos, as performances e as fotografias que retratam meu olhar sobre os acontecimentos.

Com isso, devemos pensar que: [...] a narrativa pode operar em várias mídias, inclusive em imagens imóveis. Ela deriva simplesmente da sucessão de signos, independentemente do sistema de símbolos, da mídia ou da “matriz semiótica” em que esta sucessão ocorre (SQUIRE, 2014, p. 273).

Ou seja, as narrativas não se constituem apenas com textos escritos, mas também com imagens fotográficas, desenhos, performances musicais, de dança, entre outros.

Ao pesquisar os modos pelos quais existências não binárias são produzidas procurei estar atenta as afecções sentidas e performances que povoaram os territórios da pesquisa. Penso nessas performances como linhas de fuga, não como um caminho único, uma saída, mas em linhas múltiplas que escapam de tentativas totalizadoras, sendo movimentos que subvertem qualquer ordem estabelecida. Assim, “a linha de fuga marca, ao mesmo tempo: a realidade de um número de dimensões finitas que a multiplicidade preenche efetivamente; a impossibilidade de toda dimensão suplementar sem que a multiplicidade se transforme segundo esta linha [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 25).

Apresento, a seguir, os territórios constituídos na pesquisa pelo modo como percebo entrelaçamentos, dispersões e mudanças, multiplicidades que configuram o mapa das coisas pensadas e transformadas em acontecimentos singulares, composição de agenciamentos e conexões que estabeleço entre o que encontrei na rede (internet) sobre as edições anteriores do evento e o que vi e vivi no IV Desfazendo Gênero e que possibilitam criar a geografia de um pensamento intermezzo, movente, crítico e livre acerca da temática aqui analisada.

Mesmo depois da última palavra escrita aqui, não haverá um ponto final, inclusive queria acabar esse texto com reticências para dizer que as coisas ditas aqui são poucas perto de tudo que ainda está por vir. A experiência cartográfica exposta aqui é aberta para uma nova reescrita, novas interpretações, releituras, adaptações.

5 (ENTRE)LINHAS E FLUXOS: (DES)FAZENDO TERRITÓRIOS

Deixarão que vocês vivam e falem, com a
condição de impedir qualquer saída.
Quando um rizoma é fechado,
arborificado, acabou, do desejo nada mais
passa; porque é sempre por rizoma que o
desejo se move e produz.
(Deleuze; Guattari)

O desejo de romper fronteiras na produção de um pensamento capaz de transgredir a ordem binária, cisheteronormativa, me levou longe de casa. Para isso, além dessas fronteiras, atravessei os céus, literalmente, e juntei-me a outres que povoaram o território do IV Desfazendo Gênero, na cidade de Recife, em Pernambuco à mais de quatro mil quilômetros de distância de onde moro.

Viver essa experiência, mesmo que por pouco tempo, habitar outros lugares, circular pelas ruas, praias e misturar-me as pessoas que ali vivem ou que, como eu, estavam de passagem, foi muito além de cumprir os propósitos da pesquisa, foi uma realização pessoal de alguns sonhos, como andar de avião e conhecer o Nordeste, que até então só tinha contato por meio dos livros, como na graduação quando li *Menino de Engenho* de José Lins do Rego, *Capitães de Areia* de Jorge Amado e *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, entre outras e , no PIBID, quando realizei um projeto com literatura de cordel e criação de xilogravuras.

Isso tudo vai ao encontro do que escreve Zanella (2013, p.129) sobre pesquisa como “prática social complexa que busca (re)conhecer e/ou delinear alternativas para uma condição de existência igualmente complexa”.

Com base no conceito de rizoma de Deleuze e Guattari (2011), penso o Desfazendo Gênero como composição de multiplicidades que se configuram em estratos, (territórios constituídos pelos acontecimentos no tempo e espaço de cada edição do evento), atravessados constantemente por desterritorialização e reterritorialização⁸, tanto pelas linhas e forças que se formam pelos modos como os espaços e tempos são povoados pelos seres vivos e as materialidades das coisas que o habitam a cada momento, quanto pelas formas com que algo é

⁸ Deleuze e Guattari (2011) escrevem na obra *Mil Platôs* sua teoria das multiplicidades, dizendo que qualquer coisa viva ou não-viva é composta por linhas de articulação ou segmentaridades, estratos, territorialidades, mas também linhas de fuga, movimentos de desterritorialização e reterritorialização. Tudo isso constitui um agenciamento maquínico que, direcionado aos estratos (territórios) formam uma espécie de organismo, uma totalidade significativa, atribuída a um sujeito, a um corpo, a uma ideia; mas também direcionado a um *corpo sem órgãos* que não para de desfazer o organismo, pois por ele passam, circulam intensidades, forças, partículas, que o desfazem. A esses movimentos de agenciamento que desfazem os territórios, essas totalidades mais ou menos organizadas, chamam desterritorialização e, no momento em que se reorganizam, ou seja, adquirem nova forma, novo significado, chamam de reterritorialização.

dito em palavras, sons, imagens e outras linguagens postas em circulação e que geram certa veracidade a agenciar pensamentos sobre o que acontece nesses encontros, desencontros.

Procurei, então, constituir os acontecimentos da I, II e III edição do Desfazendo, recorrendo ao que encontrei disponível na rede (internet). Lá está dito que o I Desfazendo Gênero foi realizado em agosto de 2013 na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, tematizado pelas palavras: “Subjetividade, cidadania e transfeminismo”. A segunda edição foi realizada em setembro de 2015, na Universidade Federal da Bahia, em Salvador, o título era “Ativismos das dissidências sexuais e de gênero”. A terceira edição foi intitulada “Com a Diferença Tecer a Resistência”, foi realizada em outubro de 2017 pela Universidade Estadual da Paraíba, em Campina Grande (<http://desfazendogenero.com.br/sobre.php>).

Em termos de programação, nas três primeiras edições do Desfazendo aconteceram minicursos, mesas redondas, mostras artísticas, conferências, palestras, produções comuns em eventos acadêmicos e científicos de modo geral.

Chama atenção o número crescente de pessoas, grupos de trabalho e simpósios desde a primeira edição:

A primeira edição contou com uma conferência de abertura internacional, de Marie-Hélène Bourcier (Universidade de Lille III), cinco minicursos, oito mesas redondas, uma mostra artística (com teatro e cinema) e a apresentação de pesquisas em 39 grupos de trabalho (GTs). A segunda edição aconteceu em setembro de 2015, sob a coordenação do professor Leandro Colling, a partir do tema “Ativismos das Dissidências Sexuais e de Gênero”. Com a conferência de abertura realizada pela filósofa Judith Butler (Universidade da Califórnia, Berkeley), contou com a participação de aproximadamente 1.500 pessoas, apresentação de 759 trabalhos em 71 Simpósios Temáticos e 50 trabalhos apresentados em pôster, além do lançamento de dezenas de livros, mostras artísticas com shows, performances e peças teatrais. Já a terceira edição ocorreu de 10 a 13 de outubro de 2017, na cidade de Campina Grande, com o tema “Com a Diferença Tecer a Resistência”, sob a liderança do Núcleo de Investigações e Intervenções em Tecnologias Sociais/NINETS, da Universidade Estadual da Paraíba, coordenado pela professora Jussara Carneiro Costa. Nesta edição, o Desfazendo contou com 1.450 pessoas inscritas; recebeu 1.052 propostas de comunicações orais e 52 propostas de pôsteres; possuiu 69 simpósios temáticos, 27 oficinas, 32 minicursos e recebeu a participação da professora Jasbir Puar (Universidade de Rutgers, Nova Jersey) como conferencista de abertura. Todas essas edições do Desfazendo demonstram a capilaridade acadêmico-científica das universidades-sede e das cidades que acolheram o evento, o que torna esse seminário referência nacional e internacional no tocante às questões de gênero e sexualidade e suas intersecções com diferentes marcadores sociais. Como característico nas diferentes versões do Seminário Desfazendo Gênero, o debate está em torno de problemas diversos que envolvem a relação do gênero e da sexualidade com a historicidade das práticas de violência contra pessoas que se enquadram em padrões normalizadores, com marcadores sociais importantes como raça/etnia e classe e com os limites do ativismo social. Diante disso, a abrangência do evento é de grande proporção, reunindo pessoas interessadas de diversas formações e perfis, com predominância para estudantes, pesquisadores/as, professores/as de diferentes níveis de ensino, artistas e ativistas. (DESFAZENDO GÊNERO, 2019).

Outro dado que me parece relevante é que todas as edições do Desfazendo aconteceram em estados do nordeste brasileiro, o que mostra, de certo modo, que as temáticas corpos, gêneros e sexualidades numa perspectiva de produção discursiva dissonante vem se constituindo e consolidando nesse espaço regional brasileiro.

As três primeiras edições do Desfazendo ocuparam e movimentaram os espaços e tempos acadêmicos nas universidades que as sediaram, já na IV edição muitas mudanças aconteceram.

5.1 IV Desfazendo Gênero

A IV edição do Desfazendo Gênero ocorreu de 13 a 15 de novembro do ano de 2019, em Recife, Pernambuco (PE, BRASIL). Teve como macrotema “Corpos dissidentes, corpos resistentes: do caos à lama” e, conforme anunciado no site do evento, pretendeu gerar conhecimentos inspirados em “construção rizomática de desejos/performances/saberes”, sob a coordenação dos professores Natanael Azevedo e Iran Melo, ambos da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), afirma-se que o propósito dessa edição foi reforçar o caráter político do Desfazendo:

[...] em sentido amplo, de problematizar e recriar de forma permanente a produção de conhecimento sobre gênero, de compreender que essa produção também é política, de entender que o ativismo também produz conhecimentos e de que todo saber precisa estar a serviço de políticas para que as pessoas respeitem, reconheçam e aprendam com as múltiplas possibilidades de gênero que existem em nossas sociedades. (DESFAZENDO GÊNERO, 2019).

O IV Desfazendo Gênero contou com uma programação bastante diversificada (Anexo FOLDER), com uma multiplicidade de palestrantes e participantes brasileiros e estrangeiros em intensa movimentação de corpos, gêneros e sexualidades binárias e não-binárias.

A paixão que já sentia pelas coisas do Nordeste se fortaleceu nos movimentos que vivi na pesquisa, uma aventura emocionante que experimento ao lembrar, descrever e refletir sobre o que aconteceu naqueles dias. Minha jornada começou dia 12 de novembro de 2019 ao chegar na cidade de Recife.

O evento começou no dia seguinte. O seminário não ocorreu no espaço geográfico da UFRPE, e sim no Centro de Convenções de Pernambuco, localizado na área urbana o que tornou o deslocamento e a localização mais facilitada. Mas, por outro lado, não possibilitou o contato com o campus da universidade, o que modificou o cenário em relação as edições anteriores.

A arquitetura do local do evento, à primeira vista, parecia nada convidativa. O Centro de Convenções de Pernambuco se caracteriza como um espaço de eventos genérico diferente dos espaços acadêmicos. Localizado num terreno amplo e alto, com uma enorme escadaria de acesso ao hall de entrada que distanciava o prédio das pequenas, movimentadas e barulhentas bancas de venda de alimentos diversos posicionadas na rua, povoadas de conversas animadas.

Ao subir as escadarias, adentrava-se na impetuosa construção de concreto cinza, compartimentada em vários pisos e subterrâneos com palcos elevados e poltronas enfileiradas. Ao longo do hall de entrada, haviam almofadas, plantas, bancos ocupados momentaneamente pelos corpos transeuntes. A frieza dos blocos, colunas e paredes de concreto cinza, era quebrada pelos movimentos, conversas e cores das pessoas nas filas em que recebiam o material do evento (por sinal, belíssimo, já que fora feito por uma empresa as custas de um pesado valor da inscrição, o que gerou muitos descontentamentos comentados entre participantes).

No grande corredor de acesso às salas e anfiteatros, grupos se reuniam em torno das araras onde estavam expostos os pôsteres. Enquanto outros se moviam em meio as bancas de livros, alimentos e uma pequena loja de roupas, posicionadas ao fundo do corredor principal.

Figura 4 – Hall de entrada do Centro de Convenções de Pernambuco



Fonte: Autora (2019)

Gosto dessas fotos pois retratam bem a imensidão de cinza que o evento possuía. A sensação as vezes era de que estávamos dentro de uma caixa de concreto. Sensação essa que desaparecia quando íamos até o pátio dos fundos, ocupado por várias esculturas que simbolizam

as artes nordestinas, contrastando com o verde das árvores, um céu azul e ensolarado no calor de Pernambuco.

Figura 5 – Esculturas que simbolizam as artes nordestinas



Fonte: Autora (2019)

Quando cheguei ao Centro de Convenções de Recife, local do evento, várias pessoas me chamaram atenção. Corpos transitavam livremente no espaço, pouco se importando com possíveis julgamentos, olhares tortos e comentários. Eu nunca tive contato tão de perto com pessoas que se expressam com tanta liberdade e coragem, embora pelas redes sociais acompanhe o trabalho de artistas que performam suas sexualidades de maneira alegórica e provocativa, em nosso contexto isso quase não é visto. Então ver tudo aquilo de perto foi muito impactante e desafiador, afinal meus próprios preconceitos, limitações e visão de mundo estavam sendo postos à prova. Lembro-me que no primeiro dia me deparei com uma exposição artística e de cara me chamou atenção criador e criatura. O Inúmeras, um “projeto-projétil de pesquisa que visa a retratar a multiplicidade trans por meio da pintura digital”⁹ estava sendo exposto no saguão do evento, lá haviam várias obras de arte, inclusive Levi Banida, artista criadore das gravuras, com que tive o prazer de dialogar.

⁹ Descrição que consta na conta de Instagram @inumerasprojétil

Na abertura do evento a apresentação do Afoxé ¹⁰Oyá Tokolê e grupo de Frevo¹¹ que demonstraram um espetáculo de evoluções de corpos dançarinos misturados a materialidades coloridas que movem e expandem potências dos corpos em cantos e danças, o que gerou encantamento, pelo menos aos meus olhos já que não havia visto antes ao vivo e a cores essas artes. Um breve momento em que presenciei as artes populares saída das ruas ocuparem o palco do anfiteatro principal do Centro de Convenções de Pernambuco.

Figura 6 – Apresentação do Afoxé Oyá tokolê



Fonte: Autora (2019)

Figura 7 – Grupo de Frevo



Fonte: Autora (2019)

Durante o IV Desfazendo aconteceram vinte e quatro simpósios temáticos (Anexo 02), cujos textos apresentados, formam um conjunto de enunciados no qual percebo uma composição híbrida de discursos e perspectivas teóricas críticas e pós-críticas, pois, em grande

¹⁰ Oyá Tokolê, que nasceu em 2004 com o nome Oyá Alaxé. Sua essência traz a força e a resistência dos terreiros de candomblé Nagô. A sede do grupo é o terreiro Ilê Obá Aganjú Okoloyá, que está localizada no bairro de Dois Unidos, na Zona Norte do Recife e tem mais de 70 anos de história, sendo até reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) como Patrimônio Cultural dos Povos e Comunidades. (<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/viver/2019/02/afoxe-oya-tokole-owo-realiza-grande-cortejo-no-recife-nesta-quinta.html>)

¹¹ Antes de começar a conferência de abertura houve uma apresentação de dança onde dançarinos locais apresentaram duas coreografias de frevo.

parte, concepções binárias de gêneros e sexualidades são expressas como identificação generificada e sexuada de corpos femininos, masculinos, gays, lésbicos, trans, que reivindicam o respeito à pluralidade identitária, direitos humanos, anunciam o combate às violências, sexismos, e pretendem conquistar visibilidade. Esses enunciados herdados das teorias críticas e dos estudos culturais conjugam-se, em muitos textos, com outros conceitos trazidos das teorias pós-críticas, como relações de poder-saber, biopolítica, performatividade, interseccionalidade, desejo, corporeidade dissidente, abjeção, entre outros.

Entre esse jogo de enunciados o comum é a perspectiva política de não-conformismo e de resistência diante das macro e micropolíticas de governo dos corpos pelos padrões societários e culturais heteronormativos e a tomada de posição em espaços educativos, campos profissionais da saúde, direito, historiografia, linguagem, literatura e artes de modo a interferir e desmontar o instituído, transformar, transgredir pela presença de corporeidades dissidentes e suas lutas cotidianas. Logo, as práticas discursivas do IV Desfazendo Gênero anunciam que não há como separar a produção de conhecimentos e de ciências sem que essa se mostre enquanto ação política de transformação ou de adesão ao plano societário e cultural em que se realiza.

Com isso, percebo que, as quatro edições do Desfazendo Gênero ocorridas na primeira década do século XXI, estão imbricadas historicamente como forças que confrontam o regime neoliberal e neoconservador global, tornando-se adjacentes a outros movimentos deflagrados em vários pontos do planeta. Forças que se multiplicaram desde os movimentos feministas, indígenas, negros/as e LGBTQI+ das últimas décadas do século XX, como diz Rolnik (2018, p. 30):

Como raios, esses movimentos vêm irrompendo nos céus do capitalismo globalitário a cada vez que se formam nuvens tóxicas pela densificação da atmosfera em alguma de suas regiões, quando sua perversão ultrapassa o limite do tolerável. A intensidade de irrupção de tais movimentos – equiparável à da violência do regime que os desencadeara – tende então a provocar uma desestabilização temporária de sua tirânica onipotência. E com a mesma velocidade com que surgem, desaparecem, para logo ressurgir, de outro modo e em outros lugares, mobilizados por novos acontecimentos que nos instalam no intolerável – o que os leva evidentemente a produzir outras cartografias, outros sentidos, distintos dos que os antecedem.

Considero que, o Desfazendo fortalece resistências ao regime colonial capitalístico que desde as primeiras décadas do século XXI estende seus tentáculos para capturar não apenas a potência do trabalho, mas os corpos e subjetividades, num exercício maquínico perverso e constante de “cafetinagem” dos inconscientes (ROLNIK, 2018).

As forças criadas e disparadas no Desfazendo desdobram-se em fluxos que movem pessoas de várias cidades e regiões brasileiras, além de mobilizar pensadores/as e pesquisadores/as que provêm de outros países. Assim, configuram-se novos territórios de produção e circulação de ideias e micropolíticas de resistência que desestabilizam padrões culturais segmentados pela tradição do regime colonial capitalístico.

5.2 Encontros e desencontros com o não-binário

O Desfazendo constitui-se em territórios de forças e fluxos que vão se afirmando ao mover discussões, estudos e interlocuções acerca das temáticas de gêneros e sexualidades. Parece-me que, a quarta edição do Desfazendo, frente ao atual cenário, intensificou seu caráter político e social em defesa do direito mais básico de cada ser vivente, o direito de existir, reafirmando-se enquanto micropolítica de resistência à ordem majoritária neoliberal e neoconservadora que constituem macropolíticas de governo da vida e de morte.

Quanto ao conceito não binário, encontrei quatro trabalhos nos Anais do IV Desfazendo Gênero que considero expressivos dessa abordagem. Foram eles:

- “Compor bugs: verbetes poéticos de uma (des)construção performativa”, autoria de Paulo César Sousa dos Santos Junior (discente do Mestrado em Artes da Universidade Federal do Pará), no qual escreve sobre o processo criativo da performance “Corpo Bug”, em relatos analítico-bibliográficos acerca da relação entre o corpo homossexual cis do artista-pesquisador e o desenvolvimento de sua criação performativa, “a partir dos verbos indutores da performance: Enviadescer, Corporificar e Bugar, os quais, exemplificam as reflexões acerca do “corpo bug” vislumbrado nessa pesquisa em poéticas e procedimentos de criação artística” (SANTOS JUNIOR, 2019);
- “Corpo contrassexual: escrituras na pele como figurino” de Tiago Herculano da Silva (discente do Mestrado em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e Nara Salles (Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia e orientadora de Tiago), onde fazem o “estudo da instauração cênica Corpo Livre, do CRUOR Arte Contemporânea”, ao investigarem “o uso da pele como uma linguagem artística” numa proposição “em que os espectadores escreveram na pele do artista, com intuito de levantar questionamentos

que envolvem o nu artístico, seus entraves e a perseguição sofrida por artista que realizam obras com nudez” (SILVA; SALLES, 2019);

- “Arqueologia do lixo: performance, gênero e ecologia nas noções de existência” de Levi Mota Muniz (Mestrando do Programa de Pós Graduação em Arte da Universidade Federal do Ceará – UFC) onde o pesquisador reflete sobre ecologia e criação em um relato de experiência sobre um dia de coleta de lixo em Dunas do Cocó, Fortaleza. Na ocasião ele foi montado de drag “como uma proposição de programa performativo”. Então, ao encontrar e logo perder uma boneca no meio do lixo o autor reflete sobre existência e com isso propõem sua “montação” a discutir sobre o “vazio-invisível do gênero” e suas criações “enquanto exercício de resistência” (MUNIZ, 2019);
- “Corpo, fetiche e devir-drag: anotações sobre o cinema de John Waters” de João Victor de Sousa Cavalcante (Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Pesquisador do Imago: laboratório de estudos de estética e imagem (Universidade Federal do Ceará) e do Narrativas Contemporâneas (Universidade Federal de Pernambuco). Neste texto o pesquisador analisa a obra do diretor norte-americano John Waters fazendo relação entre “estética e política” a partir da imagem de uma *Drag Queen* chamada *Divine*, onde a personagem aparece em vários filmes do diretor. As narrativas fazem críticas a “códigos patriarcais e humanistas presentes no cinema”, onde propõem “outros modos de pensar o corpo e as formas de sociabilidade”, buscando “entender a potência política presente na fabulação de novos mundos empreendida pelo cinema, a partir de um diálogo entre a noção de abjeção (Judith Butler; Julia Kristeva) e os conceitos de erotismo e fetiche (Georges Bataille)” (CAVALCANTE, 2019).

Observo nestes trabalhos, que a não-binariedade é expressa em performances que transbordam em atos éticos, estéticos e políticos de resistência ao padrão majoritário de gêneros

e sexualidades. Assim como escrito por Djalma Thürler¹² e Duda Woyda¹³ (2019) no ensaio intitulado “O rei está nu: desaprendendo e entendendo os tempos em que eu vivo”, o a[r]tivismismo é essa arte de resistência. Conjunção de corpos, telas, cores, sons, texturas, e outros dispositivos que movem fluxos e pulsões de outras vidas imaginadas, criadas, formando rizomas, conexões que não possuem nenhum tipo de compromisso com a linearidade, com a certeza. Arte também impressa no cartaz do evento, posto logo abaixo:

Figura 8 – Cartaz do 4º Seminário Internacional Desfazendo Gênero”



Fonte: Autora (2019)

Nela percebo a criação de um corpo como obra de arte onde a coerência não cabe, um corpo onde não há uma definição de gênero ou sexualidade, um corpo que difere de qualquer [cis]tema de dominação. Um corpo não apenas humano, mas pós-humano, metamorfoseado pela transmutação do biológico, acoplado a outras máquinas e aparatos tecnológicos.

Corpo obra de arte-resistência, composição contrassexual que transgride a configuração de “prótese total a serviço da reprodução sexual e da produção de prazer genital” (PRECIADO, 2017, p. 59).

¹² Doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Vice-Coordenador Acadêmico do IHAC da Universidade Federal da Bahia. Professor permanente do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade. Mestre em Ciência da Arte (UFF) e Bacharel em Artes Cênicas e em Pedagogia, pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNI-RIO).

¹³ Doutorando do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

Durante a pesquisa, cada gesto, fala, olhar, performance em que experimentei conexões rizomáticas com as pessoas e os territórios fez com que se formasse uma rede de afetos, marcada por um processo dialógico de existências (ZANELLA 2013, p. 129). Dois acontecimentos, dois corpos artísticos que compuseram minha pesquisa, que aqui serão chamados de translésbicha¹⁴ e @inumerasprojtil¹⁵.

A interação mais intensa com corpos não binários aconteceu no dia em que apresentei meu pôster no evento. Nesse dia em conversa com minha orientadora acordamos que seria o melhor momento para conversarmos com as pessoas que lá estavam. Enquanto eu apresentava o trabalho algumas pessoas chegaram para fazer perguntas, trocar ideias, sugerir coisas. O que me encanta na cartografia é que “a realidade a ser investigada é composta de processos, e não só de objetos (coisas e estados de coisas) delimitados por contornos precisos e atemporais” (ESCÓSSIA; TEDESCO, In: PASSOS; KASTRUP; TEDESCO, 2015, p. 93).

Então, não estava lá em busca de uma pessoa específica, uma história, mas de encontros diversos, encontros com pessoas, com sentimentos, encontros que, em certos momentos, forjaram desencontros.

Em certo momento, enquanto conversávamos com a avaliadora nos espaços destinados para descanso, de maneira bem informal e confortável, translésbicha se aproxima da gente e pede ajuda para a avaliadora para organizar sua tenda. A avaliadora estava ocupada então minha orientadora ofereceu nossa ajuda. Ao aceitar pela ajuda meu coração se encheu de alegria e motivação, afinal aquela pessoa esbanjava atitude e força. Não performava uma feminilidade padrão, muito menos masculinidade, fazia do seu corpo um ato político, uma afronta, uma provocação. Além de palestrante, estava lá para expor seus alimentos e produtos veganos como tortas, doces, chás, sabonete, entre outras coisas. E, também suas zines, zines essas com os mais variados textos, todos relacionados às discussões sobre sexualidade, gênero, corpos, militância, veganismo. Tudo por um preço bastante acessível.

¹⁴ Uso este termo pois é um rompimento com o colonialismo linguístico pois o termo *queer* não encontra tradução para o português. Esse termo forte e tão carregado de significados representa bem uma das corpos que fazem parte desta pesquisa, por isso a escolha. Na zine *Ódio aos héteros (1990)* é explicado que “Ao criticar a dimensão colonial na América Latina, Hija de Perra, Leonor Silvestri, Jota Mombaça, Larissa Prelúcio e Pedro Paulo Gomes Pereira denunciam a fetichização capitalização dos estudos *queer* permitindo que façamos uma metáfora de sua emergência com a chegada das caravelas portuguesas, é a caravela *queer*. Agitações políticas sexo dissidentes de perspectiva anticapitalistas tem usado os termos monstras, bizarras, translésbichas, entre outros para nomear suas existências” (Ódio aos héteros, 1990, p. 2).

¹⁵ Esse é o nome dados ao projeto de Levi Mota Muniz onde ele retrata existências não binárias através de desenhos. O motivo do “@” é para divulgar seu trabalho que está exposto no Instagram e para achá-lo basta procurar por @inumerasprojtil

Mesmo fazendo parte da academia, cursava Ciências Sociais, e de um movimento acadêmico, de início disse não querer fazer parte da minha pesquisa. Por isso, não vou aqui entrar em detalhes sobre sua pessoa, mas sobre nosso caótico (des)encontro.

Translésbicha nos recebeu com poucas palavras e pouca simpatia. Percebi que, enquanto eu e minha orientadora estávamos cheias de energia e vontade de trocar ideias, cada vez mais se fechava e não nos dava atenção. Em determinado momento explicamos nossa ida até lá, sobre a pesquisa e o desejo de conversar sobre suas experiências, entre outras coisas.

Logo de cara recebemos um grande e sonoro não como resposta. Em outras palavras, disse que não a interessava ser “objeto” de uma pesquisa realizada dentro de uma instituição tão limitada, fechada e que representava opressão, referindo-se à universidade.

Porém, esse (des)encontro, não deixou de ser potente, percebi que a dor, o sofrimento, a rejeição, também, demarcam posições e estratégias de existência e resistência necessárias. Embora esse (des)encontro me tenha feito chorar, literalmente, de tristeza, e me sentir, de certo modo, uma “impostora”, me fez refletir sobre muitas coisas. As linhas de fuga se fazem por meio de luta, ruptura, dor. E o rizoma não é somente “grama verde”, “há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, a erva daninha” (DELEUZE, 2011, p. 22).

Esperar apenas por encontros alegres não condiz com a cartografia, não é assim que se constroem mapas. Nesse (des)encontro mutuamente nos violentamos e isso foi muito importante para o andamento dessa pesquisa.

Após o susto, entendi que para translésbicha nossa presença e o modo como nos apresentamos, nossos corpos generificados, era a materialização da opressão sofrida todos os dias. Isso me fez sentir na pele o distanciamento que há na relação pesquisador/a, estranhamento que me fez repensar o modo como abordamos outres para obter o que nós desejamos e que, nem sempre é desejado por quem é abordado.

Não se pode negar que a materialidade da posição que ora ocupávamos naquela relação entre pretensa pesquisadora e pesquisada forjou resistência. Do mesmo jeito que a academia pode ser uma maneira de desestabilizar a ordem majoritária, não se pode negar que, nossos corpos brancos, generificados transitam pelos espaços acadêmicos sem sofrer restrições como as que translésbicha vive cotidianamente.

Translésbicha existi e resisti ao que busca capturar seu corpo, subjetiva-lo. Seu corpo, seu discurso, sua arte de existência, forças dissonantes e dissidentes ao padrão cisheteronormativo.

Arte impressa nos zines que lá vendia. Além de chamar atenção a maneira artesanal que ela expunha os textos o conteúdo também era carregado de provocações.

Figura 9 – Produções artesanais de autores conhecidos, autores anônimos e pouco conhecidos.



Fonte: Autora (2019)

Produções artesanais de autores já conhecidos pela academia como a filósofa Beatriz Preciado mas também autores anônimos e pouco conhecidos, cujos discursos são compostos por enunciados como sexualidade, *queer*, gênero, resistência, ativismo.

Para refletir sobre o caráter provocativo do material, separei aqui uma capa de uma zine chamada “Ódio aos héteros”, de autoria de Queers Anônims¹⁶, mas, começarei por esse título. Para representar o caráter violento do conteúdo nada mais forte que esse título. Eu no auge de meus privilégios e aprendendo a cada dia sobre essas questões, em um primeiro momento choquei-me com o título, afinal acabara de sair de um encontro nada amigável, que me causou desconforto. Mas não precisei de muito tempo para entender sua intenção. Para isso, trago um trecho do texto:

Até que eu possa desfrutar da mesma liberdade sexual e de movimento que os héteros, seus privilégios devem ser interrompidos e conferidos a mim e a minhas irmãs translésbichas. Pessoas heterossexuais não vão fazer isso voluntariamente e por isso devem ser forçados a isso. Os héteros devem ficar assustados. Devem ficar aterrorizados. O medo é o motor mais poderoso. Ninguém vai nos dar o que nós merecemos. Os direitos nunca são dados, são tomados, pela força se necessário. Pessoas heterossexuais são seus inimigos. São os seus inimigos ao não reconhecer a

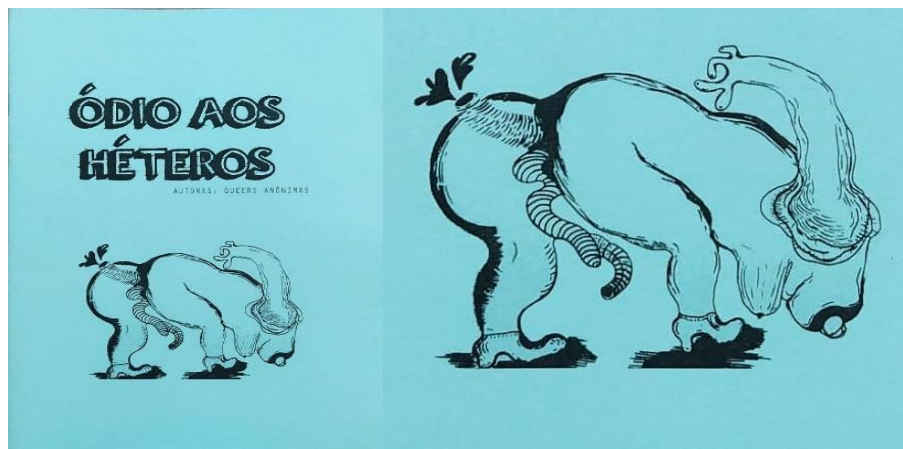
¹⁶ “[Nota da tradutora – N.T.] A cartilha “Queers Read This: I Hate Straights”, assinada por Anonymus Queers, foi distribuída durante a manifestação do Dia do Orgulho Gay em Nova York, em junho de 1990. Foi reimpressa em Gross y Woods (1999, pp. 588 – 594) A palavra queer foi possivelmente inserida na língua inglesa por volta de 1500, com o sentido de “estranho, peculiar, excêntrico”, derivada do alemão quer, “transversal” e usada para estigmatizar a população LGBT no mundo anglosaxão” (ÓDIO AOS HÉTEROS, 1990, p. 1).

sua invisibilidade e ao continuar vivendo e contribuindo para uma cultura que mata você (1990, p. 2)

Este trecho me fez pensar no modo que translésbicha nos recebeu, não podemos negar que nós héteros estamos em todos os lugares, nosso discurso é ouvido. Deslegitimar esse modo de fazer resistência é colaborar com o sistema heteronormativo binário que dizima a população sexodissidente.

Artivismo sexodissidente expresso na imagem da capa:

Figura 10 – Artivismo sexodissidente



Fonte: Autora (2019)

Vejo nela uma composição contrassexual que transgride a heterossexualidade, o que faz estremecer estruturas de uma sociedade em que gêneros e sexualidades são atribuídos pelo discurso biológico como mecanismos de dominação:

O sexo é uma tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (feminino/masculino), fazendo coincidir certos afectos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatômicas (PRECIADO, 2017, p. 25).

Com isso, percebo que a imagem rompe com a representação dos órgãos sexualizados pela heterossociedade duplicados, colocados em lugares distintos e com formas não preocupadas em retratar a “normalidade”. E, nada mais transgressor que usar o ânus em um plano de destaque, representando o que Preciado (2017) fala sobre o ânus: “O trabalho do ânus não é destinado à reprodução nem está baseado numa relação romântica. Ele gera benefícios que não podem ser medidos dentro de uma economia heterocentrada”, e ainda diz que: “Pelo ânus, o sistema tradicional de representação sexo/gênero vai à merda” (PRECIADO, 2017, p. 32).

Não foi fácil chegar a essas reflexões, precisei de algumas horas pra assimilar o que aquele encontro havia causado em mim. Mesmo abalada sabia que dali sairia um material muito rico para o meu trabalho.

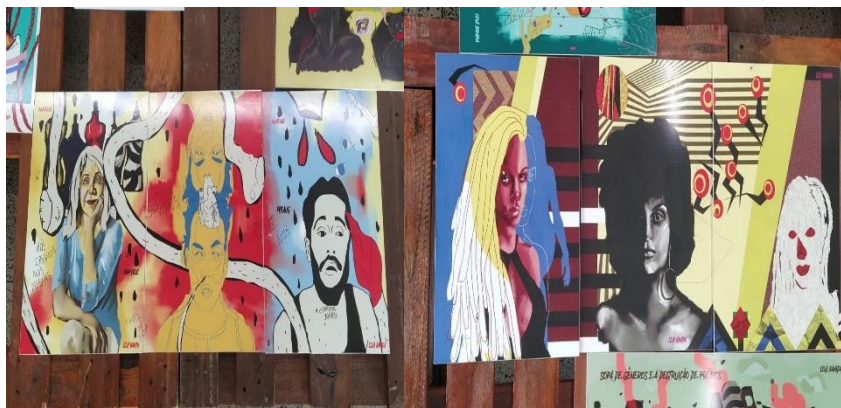
Não esperava que meu caminho fosse cruzado por @inumerasprojtil mais uma vez. Como disse, anteriormente, já havia notado sua presença no evento, mas por motivos de força maior não conversamos direito. Então por estar curiosa com seu trabalho puxei conversa para perguntar sobre sua arte e nossa conversa rendeu ótimos frutos. @inumerasprojtil, pessoa trans, travesti que segundo diz, flui, conversa e pensa gênero, sem delimitações, sem paredes, sem amarras. Estava no evento além de outros motivos para expor sua pesquisa de Mestrado pois faz parte do PPG em Arte da Universidade Federal do Ceará.

Pesquisa de um fazer performático com o intuito de pensar a “desobediência de gênero” Levando em consideração os atravessamentos pela violência que a corpa trans sofre. Em seus estudos percebeu que a corpa trans é determinada por duas maneiras, a primeira é pela invisibilidade e a outra é pela ligação direta, e quase que exclusiva, com a violência. Traça um contrassenso demográfico, mostrando em seus desenhos corpos trans vivos, coloridas, ativas e desenhando seu próprio mundo por meio das singularidades de cada uma (@inumerasprojtil).

Para realizar o desenho, diz que, faz uma série de perguntas para quem será retratada, perguntas como sua relação com o gênero, sobre a estética da pessoa, entre outras. As pessoas retratadas nas figuras são todes trans nordestinas e não possuem compromisso em corresponder às expectativas da sociedade sobre o que é ser trans.

Em seu trabalho, imagens colocadas abaixo, consigo perceber o contrassenso. Ora, se corpos trans são invisíveis ou diminuídas a cadáveres, nada mais pertinente de quebrar essa regra com cores, cores vibrantes, traços desordenados. As imagens nos aproximam de um caos poético cheio de cores e sensações.

Figura 11 – Contrassensos



Fonte: Autora (2019)

Além de algumas imagens que retratam os modos de existência trans, trago aqui o nome de todas essas pessoas que @inumerasprojtil usou como modelos, afinal aqui estamos falando sobre visibilidade, sobre lacração mesmo, montagem. A maioria dos nomes adotados são formas de fazer arte. São elus: Isadora Ravena, Ella Mostra, Dill Alves, Frankla Pei Pei, Helena Vieira, Caironi Ramos, Jocasto Britto, Matheus Melo, Melindra Lindra, Levi Banida/Debbie Mota Muniz, Prisley Brendly/Getúlio Abelha, Noá Bonoba, Dami Cruz, Peaug, Ariane Senna, Yara Canta, Ítala Costa, Mariana Marques, Leonardo Oliveira, Lírio Barbosa, Juan Monteiro/Monna Vonna, Mica Micaele/Mica Lalloka, Persephone Roses [drag de Diana Barreto], Luis Lima, Kaio Lemos, Caio Lima, Janine, Bernardo Gauche, Leonardo Ferreira, Lua Margot, Lyz Vedra.

Alguns desenhos também possuem frases e/ou palavras que conversam com a imagem retratada.

Figura 12 – Frases e/ou palavras que conversam com a imagem retratada



Fonte: Autora (2019)

Essas imagens mostram a potencialidade ética, estética e política das artes, ressaltando a força contida na pluralidade expressa pela linguagem “sou drag, trava, mostra e destruidora de prédios”, e também fluidez das sexualidades, gêneros em “corpo-brecha, entre os limites da potência”.

Interagir com @inumerasprojtil no Desfazendo foi um deleite, além de tudo, sua corpa também é arte, é pura desobediência, brincando com cores, formas, texturas. Primeira vez que vi estava como na foto ..., lembro que me chamou atenção pela maquiagem que lembrava uma

maquiagem clássica de drag, onde as sobrancelhas são apagadas e uma nova é pintada por cima. Porém quando nos reencontramos e pudemos conversar, sua performance estava mais provocativa. É interessante refletir sobre as linhas e formas que estavam impressas em sua corpa (figura 13), artefatos que se misturavam com sua pele transformando sua existência em arte, a arte de existir e resistir. As linhas que rodeavam e atravessavam seu corpo ao encontro de nossas palavras trocadas naquele momento formavam território de criação para nós dois, nossas linhas de fuga, dessa vez criadas com carinho, alegria e descoberta.

A performance corporal de @inumerasprojelil debocha dessas imposições ao transmutar seu corpo e acoplar nele lentes, tintas, acessórios, sapatos diferentes, meias, cabelo.

Figura 13 – Performance corporal



Fonte: Autora (2019)

Também vejo sua performance como enfrentamento às normas sociais que geram a repressão e violência às corpos não binários, trans, entre outros; é preciso violentar a própria ordem discursiva e não discursiva heteronormativa, como diz Preciado (2017):

O sistema heterossexual é um dispositivo social de produção de feminilidade e masculinidade que opera por divisão e fragmentação do corpo: recorta órgãos e gera zonas de alta intensidade sensitiva e motriz (visual, tátil, olfativa...) que depois identifica como centros naturais e anômicos da diferença sexual (PRECIADO, 2017, p. 25).

Entendo que performances artivistas burlam e abalam a ordem binária e heteronormativa, pois não binários movem-se entre os códigos normativos binários e heterossexuais, inventam suas vidas como fluxos mutantes que tendem a “escapar aos códigos”, desterritorializando a ordem de sobrecodificação dos signos: “uma máquina abstrata de mutação que opera por decodificação e desterritorialização. É ela que traça as linhas de fuga e erige máquinas de guerra sobre suas linhas” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 114).

Não sendo capturados, não binários transitam entre categorias de gêneros e sexualidades, sem fixarem-se a esse ou aquele modo específico de identificação e modulação dos corpos. Ao experimentar corpos trans, travestis, bichas, não binários existem e resistem com coragem, atitude *parresiasta*: “a fraqueza, a liberdade, a abertura, que fazem com que se diga o que se tem ao dizer, da maneira como se tem vontade de dizer, quando se tem vontade de dizer e segundo a forma que se crê ser necessário dizer” (FOUCAULT, 2014, p. 334).

Ao ético, estético e político de manifestar a sua verdade e vive-la, correndo os riscos de viver ao seu próprio modo e, ao mesmo tempo, fazer sua arte-existência transbordar na superfície de sua pele, das coisas que toca, que cria e que pode contagiar outres existências.

A palavra projétil usada como uma forma de expressar enfrentamento, arte como arma de guerra é uma maneira bela e forte de dizer que copas trans, travestis, bichas, não binárias existem, mas mais do que isso, vão metralhar o patriarcado, as normas binárias, com sua cor, sua coragem.

6 CONVITE À DESORDEM

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro
de ponto expediente protocolo e
manifestações de apreço ao Sr. Diretor.
(POÉTICA - Manuel Bandeira)

Vou me encaminhado para o final deste trabalho, levantando as principais questões que me fizeram escolher essa temática. Não mais com aquela visão inicial, relacionada mais fortemente à minha história de vida. Hoje, após essa odisséia vivida por mim, depois de grandes desafios e um longo caminho percorrido de Bagé até Recife, descansando no chão de aeroporto, pulando refeições e enfrentando uma dura insolação que me acometeu após visitar Porto de Galinhas e esquecer a importância de um protetor solar com fator alto, vejo que importantes movimentos aconteceram em minha perspectiva sobre as discussões que envolvem sexos, gêneros, sexualidade, existências.

Meu contato com translésbicha e @inumerasprojtil fez perceber que a presença desses outros que in-desacomodam nos espaços acadêmicos é pura potência. Digo isso por minha própria vivência, denunciando a dificuldade que é pesquisar dissidências de gênero e sexualidade, onde o que tem valor é o exato, o fixo, inerte.

Ao contrário de translésbicha que rejeitou conversar conosco, nossa presença e corpos de mulheres cis, @inumerasprojtil relatou que se sentiu muito bem conosco. E para finalizar sua fala, ressaltou a importância de “mesclar as desobediências de gênero não binárias e os feminismos que são desobediências de gênero também”. E essa potente fala me inspira a seguir pesquisando sobre as performatividades inventivas que se expressam por meio dos corpos e corpos, dos discursos.

As duas formas de se manifestar politicamente, de translésbicha e @inumerasprojtil retratam também a necessidade de pluralidade no fazer resistência. O ativismo no contexto acadêmico precisa ser plural para que cada vez mais pessoas se juntem à causa. É urgente decolonizar o espaço acadêmico. Sobre isso, Viviane Vergueiro diz que:

Acredito ser fundamental, portanto, considerar estas questões para além de se dizer do quanto os genocídios, exclusões e violências realizadas pelos projetos coloniais europeus contra sociedades e culturas indígenas e ancestrais diversas foram criminosos, deploráveis e requerem uma historicização crítica para que não se repitam nas histórias humanas. É preciso – dado que estamos todas nós, em diferentes graus, imersas nas dominâncias de diversas perspectivas colonizatórias –, também, repensar e deslocar criticamente as epistemologias, metodologias e instituições a partir das

quais elaboramos nossas análises, estando cientes de que elas podem carregar consigo os sangues nas mãos de colonizadores que erigiram muros, faróis, edifícios, universidades, compêndios médicos, etnografias e leis para a construção de seus mundos supremacistas (SIMAKAWA, 2015, p. 33-34).

Pensando nisso, uso da posição e visibilidade que ocupo aqui como autora desse trabalho para, mais do que falar sobre vivências de desobediência de gêneros, sexualidades e corpos, trazer produções de pessoas não binárias como forma de desviar e também enfrentar perspectivas tradicionais. Perspectivas essas que forçam corpos a se encaixarem em um padrão cis hetero binário, e quando não se encaixam nessa ordem, precisam então explicar “o que são”. Ora, que compromisso corpos dissidentes e desobedientes tem com padronizações pobres? Sendo assim, este trabalho também traz uma perspectiva de esgotamento. Mais do que um cansaço, pois “o cansado apenas esgotou a realização, enquanto o esgotado esgota todo o possível. O cansado não pode mais realizar, mas o esgotado não pode mais possibilitar” (DELEUZE, 1992, p. 67).

Com isso esgotam-se as possibilidades de tentar definir onde estão os não binários na árvore dos gêneros e sexualidades, não binariedade é rizoma, é grama. A não binariedade não respeita padrões, normas, estruturas. A estranheza que a não binariedade causa faz parte de seu contrato com a incerteza, a desobediência, e essa arte de bater de frente causa um desejo cruel de aniquilação. Padrões são criados para que se consiga dominar e lutar pela possibilidade de existências não binárias e romper com práticas de dominação tão cruéis.

Talvez, como sugerido no começo desta Dissertação, alguns “nós” sejam desatados para vocês, caros leitores, assim como alguns dos meus também foram desatados. Enfim, espero que este trabalho possa mostrar que micropolíticas de resistência ao binário estão acontecendo. Aconteceram lá em Recife, no IV Desfazendo Gênero, mas também estão acontecendo aqui e agora, enquanto você viaja comigo nessas narrativas. Por isso, me coloco como aliada as lutas pela não binariedade, pelas vidas e os direitos de existir dos mais distintos modos, rompendo com uma sociedade onde gênero e sexo são produtos de um contrato social binário, cishétero e patriarcal.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCOSSIA, Liliane da. **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 150-171.

APPLE, Michel W. Entre o neoliberalismo e o neoconservadorismo: educação e conservadorismo em um contexto global. In: BURBULES, N. C.; TORRES, C. A. (Orgs.). **Globalização e educação:** perspectivas críticas. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 45-57.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. 11. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. 288p.

CAVALCANTE, João Victor de S. Corpo, fetiche e devir-drag: anotações sobre o cinema de John Waters. **IV Seminário Internacional Desfazendo Gênero**, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Pernambuco, Recife, Pernambuco, 2019. Disponível em: <http://www.desfazendogenero.com.br>. Acesso em: 24 ago. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **L'Épousé**. Tradução Lilith C. Woolf e Virginia Lobo. Paris: Minuit, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. (1977) **O Anti-Édipo**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, 560 p.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia 2. Tradução Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 127p.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Felix. **Mil Platôs:** capitalismo e esquizofrenia 3. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lucia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012, 144 p.

ESCOSSIA, Liliane da; TEDESCO, Silvia. O coletivo de forças como plano de experiência cartográfica. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCOSSIA, Liliane da. **Pistas do método da cartografia:** pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 92-108.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Colège d'e France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 79p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I:** a vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: 13 ed. Graal, 1988, 176 p.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008, 452 p.

FOUCAULT, Michel. Introdução a uma vida não-fascista. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Anti-Oedipus**: Capitalism and Schizophrenia, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV. Traduzido por Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/vidanaofascista.pdf>. Acesso em: 10 maio. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). Tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014, 506p.

GUIA DO ESTUDANTE. **Dia do Orgulho LGBT**. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/atualidades-vestibular/dia-do-orgulho-lgbt-conheca-a-historia-do-movimento-por-direitos/>
<https://www.bbc.com/portuguese/geral-48432563>. Acesso em: 22 jul. 2019.

LOURO, Guacira Louro. **Gênero Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. 178p.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo, SP: n-1 edições, 2018. 71p.

MUNIZ, Levi M. Arqueologia do lixo: performance, gênero e ecologia nas noções de existência. **IV Seminário Internacional Desfazendo Gênero**, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Pernambuco, Recife, Pernambuco, 2019. Disponível em: <http://www.desfazendogenero.com.br>. Acesso em: 24 ago. 2020.

ÓDIO AOS HÉTEROS, Recife, Pernambuco, 1990 (zine artesanal comercializado durante o IV Seminário Internacional Desfazendo Gênero).

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina. B. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCOSSIA, Liliane da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCOSSIA, Liliane da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207p.

PINTO, Joana P. Pragmática. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna C. (Orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras, v. 2. São Paulo: Cortez, 2001. 312p.

PINTO, Joana P. O percurso performativo. **Revista Cult**. São Paulo, 01 nov. 2013, p. 35 - 36.

PORTO, Juliane S. **A performatividade do discurso feminino em shows de stand up comedy**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras), Universidade Federal do Pampa, Campus Bagé, Bagé, RS, 2016, 34 p.

PORTO, Juliane S.; VOSS, Dulce Mari. Marchas feministas: onde estão as mulheres? *Anais do IV Simpósio Internacional em Educação Sexual*, Universidade Estadual de Maringá PR, 2019. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/sies/anais/PDF/GT-09/09.05.pdf> Acesso em 13 de maio 2020.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual Práticas Subversivas de Identidade Sexual**. Tradução Maria Paula Gurgel Ribeiro. 2. ed. São Paulo: n.1 edições, 2017, 224 p.

PORTAL DE NOTÍCIAS G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/maioria-dos-casos-de-violencia-sexual-contracrianças-e-adolescentes-ocorre-em-casa-notificacao-aumentou-83.ghtml>. Acesso em: 29 jan. 2019.

PORTAL DE NOTÍCIAS G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/em-10-anos-brasil-ganha-mais-de-1-milhao-de-familias-formadas-por-maes-solteiras.ghtml>. Acesso em: 20 jan. 2019.

PORTAL DE NOTÍCIAS G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/06/29/23a-parada-lgbt-movimentou-r-403-milhoes-em-sao-paulo-diz-prefeitura.ghtml>. Acesso em: 26 ago. 2020.

PARADA SÃO PAULO - ASSOCIAÇÃO DA PARADA DO ORGULHO LGBT. Disponível em: <http://paradasp.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 24 ago. 2020.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 206p.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a teoria queer**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. 235p.

SANTOS JUNIOR, Paulo César S. Compor bugs: verbetes poéticos de uma (des)construção performativa. **IV Seminário Internacional Desfazendo Gênero**, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Pernambuco, Recife, Pernambuco, 2019. Disponível em: <http://www.desfazendogenero.com.br>. Acesso em: 24 ago. 2020.

SILVA, Tiago H. da S.; SALLES, Nara. Corpo contrassexual: escrituras na pele como figurino. **IV Seminário Internacional Desfazendo Gênero**, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Pernambuco, Recife, Pernambuco, 2019. Disponível em: <http://www.desfazendogenero.com.br>. Acesso em: 24 ago. 2020.

SILVA, Tomas Tadeu. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. (Org). Stuart Hall, Kathryn Woodward. Trad. Sob a direção de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014, 136 p.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro (Viviane V.). **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero incoformes:** uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normativa. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal da Bahia. Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, Salvador, 2015, 243 p. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/19685/1/VERGUEIRO%20Viviane%20-%20Por%20inflexoes%20decoloniais%20de%20corpos%20e%20identidades%20de%20gengero%20incoformes.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

SQUIRE, Corrine. **O que é Narrativa?** Civitas – Revista de Ciências Sociais, vol. 14. Núm. 2, 2014, p 272 – 284.

THÜRLER, Djalma; WOYDA, Duda. O Rei Está Nu: desaprendendo e entendendo os tempos que eu vivo. **Momento: diálogos em educação**, v. 28, n. 1, p. 179-194, jan./abr., 2019. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/8778>. Acesso em: 24 ago. 2020.

ZANELLA, A. V. **Perguntar, registrar, escrever:** inquietações metodológicas. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2013, 183 p.

ANEXOS

ANEXO A – FOLDER



Fonte: Imagem capturada pela autora (2019).

SALAS
01 a 03 - Setor Entrada
04 a 07 - Setor A
08 a 12 - Setor B

1º Dia
13 de Novembro de 2019

17h00 às 19h00 **SETOR ENTRADA**
Credenciamento

AUDITÓRIO TABOCAS
18h00 às 19h00
Abertura

19h00
Conferência de Abertura: Pedagogias queer para tempos de combate
Conferencista:
Gracia Trujillo Barbadillo (Universidad Complutense de Madrid)

2º Dia
14 de Novembro de 2019

08h00 às 12h00 **SALAS**
Simpósios temáticos

08h00 às 12h00 **SETOR A**
Sessão 01 de Pôsteres

12h00 às 14h00 **INTERVALO PARA ALMOÇO**

14h00 às 16h00 **AUDITÓRIO TABOCAS**
Mesa-redonda I A: Ativismos de dissidência de gênero e sexualidade: refazendo a revolução
Djalma Thürler (UFBA) (Teatro)
André Antônio (UFPE)
Alessandra Rech (UCS)
Mediação: Johnny Martins (UFRPE)

14h00 às 16h00 **TEATRO BEBERIBE**
Mesa-redonda I B: Feminismos em múltiplas cores
Denise Botelho (UFRPE)
Ana Flor Fernandes Rodrigues (UFPE)
Aranduhá Kaiowá (UFGD)
Mediação: Lorena Lima (UFRPE)

16h00 às 17h00 **SETOR A** **LANÇAMENTO DE LIVROS**

Livro: Cine(Mão): Espaços e Subjetividades Darkroom
Autor(a): Helder Thiago Cordeiro Maia

Livro: Corpos Transgressores: Políticas De Resistência
Autores(as): Sara Wagner Pimenta Gonçalves Junior; Rodrigo Borba

Livro: LgbtFOBIA na Educação e a Atuação da Gestão Escolar
Autor(a): Emerson Santos

Livro: Nos Babados da Academia: Reflexões Sobre Pautas Emancipatórias.
Autores(as): Sergio Luiz Baptista Da Silva; Anna Marina Barabá Pinheiro

Livro: Poéticas da Masculinidade em Ruínas: O Amor em Tempos de AIDS
Autor(a): Anselmo Peres Alós

Livro: Quando dizer é violentar - violência linguística e transfobia
Autor(a): Danillo da Conceição Pereira Silva

Livro: Temis Travesti as Relações Gênero, Raça e Direito Para uma Narrativa Expansiva do Humano
Autor(a): Camilla de Magalhães Gomes

Livro: Traduzindo a África Queer
Autor(a): Caterina Alessandra Rea

desfazendogenero.com.br

Fonte: Imagem capturada pela autora (2019).

17h00 às 19h00 **AUDITÓRIO TABOCAS**
Mesa-redonda II A: Queerificando epistemologias, renovando o mundo
João Manuel de Oliveira (UFSC / ISCTE-IUL/Portugal)
Robson Guedes (UFPE)
Luiz Paulo da Moita Lopes (UFRJ)
Mediação: Vicentina Ramires (UFRPE)

17h00 às 19h00 **TEATRO BEBERIBE**
Mesa-redonda II B: Dissidências de desejo, gênero e sexualidade como políticas do corpo
Mauro Brigeiro (Instituto Oswaldo Cruz)
Akuenda Translébsicha (UFRPE)
Amiel Vieira (UFRJ)
Mediação: Nicole Pontes (UFRPE)

3º Dia
15 de Novembro de 2019

08h00 às 12h00 **SALAS**
Simpósios Temáticos

08h00 às 12h00 **SETOR A**
Sessão 02 de Pôsteres

12h00 às 14h00 **INTERVALO PARA ALMOÇO**

14h00 às 16h00 **AUDITÓRIO TABOCAS**
Mesa-redonda III A: Acesso da população dissidente sexual e de gênero aos regimes de poder
Márcia Rocha (OAB-SP)
Roberto Maia (Coordenadoria LGBT da PMJP)
Danillo Pereira (IFAL / UFS)
Mediação: Ariane Freitas (UFRPE)

14h00 às 16h00 **TEATRO BEBERIBE**
Mesa-redonda III B: Decolonialidades em estudos sobre gênero e sexualidade: por um pensamento dissidente
Jussara Costa (UEPB)
Sara Wagner York (UERJ/UNESA)
Viviane Vergueiro (UFBA)
Mediação: Iêdo Paes (UFRPE)

16h30 **AUDITÓRIO TABOCAS**
Conferência de Encerramento: Corpos transviados e políticas de coligação em tempos de ordem e perigo
Pablo Navarro (CES/UC-Portugal)

desfazendogenero.com.br

Fonte: Imagem capturada pela autora (2019).

ANEXO B – SIMPÓSIOS TEMÁTICOS

- 01: ABORDAGENS DA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DOCENTE NO CAMPO DAS RELAÇÕES DE GÊNEROS E DAS SEXUALIDADES;
- 02: CABOKA DISSIDENTE: CORPOS, DISCURSOS, PRÁTICAS, TERRITORIALIDADES AMAZÔNIDAS;
- 03: CORPOS DESCONFORMES E POLÍTICAS DE RESISTÊNCIAS NAS SOCIABILIDADES EXCLUDENTES;
- 04: CORPOS E SEXUALIDADES MÚLTIPLAS: (RE)SIGNIFICAÇÕES, (RE)ELABORAÇÕES E (RE)EXISTÊNCIAS;
- 05: CORPOS ÍNDÓCEIS, DIVERGENTES, PERFORMATIVOS E ESTRATÉGIAS DISRUPTIVAS DE NÃO NORMALIZAÇÃO;
- 06: CORPOS TRANSGRESSORES EM RESISTÊNCIAS E POÉTICAS EXISTENCIAIS;
- 07: DISSIDÊNCIAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE EM CONTEXTOS INTERIOANOS E RURAIS;
- 08: DISSIDÊNCIAS, RESISTÊNCIA E VISIBILIDADE: GÊNERO E SEXUALIDADES NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA;
- 09: DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO, RELAÇÕES DE GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL: DESAFIOS ATUAIS E INTERLOCUÇÕES COM A CIÊNCIA & TECNOLOGIA (C&T) E A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL;
- 10: ESTUDOS DA CISGENERIDADE: SOCIEDADE E PRIVILÉGIOS;
- 11: FEMINISMOS E DISSIDÊNCIAS: RESISTÊNCIAS AO (CIS)TEMA – CAPITALISTA, BRANCO E EURONORTEAMERICANO- CENTRADO;
- 12: GÊNEROS E SEXUALIDADES DENTROFORA DOS COTIDIANOS ESCOLARES: DISPUTAS, ATRAVESSAMENTOS E PRÁTICAS;
- 13: GÊNEROS, CORPOS E SEXUALIDADES EM/COM ARTES: RESISTÊNCIAS E ATIVISMOS;
- 14: LINGUAGENS, PERFORMATIVIDADE E POLÍTICAS DE RESISTÊNCIA QUEER;
- 15: MATÉRIAS DE GÊNERO: PERFORMATIVIDADES E MATERIALIDADES;
- 16: MEMÓRIA, VULNERABILIDADE E RESISTÊNCIA NOS GÊNEROS E SEXUALIDADES DISSIDENTES;
- 17: NARRATIVAS QUEER(IZADAS): DIÁLOGOS ENTRE HISTORIOGRAFIA, SABERES SULBALTERNOS E TEORIA QUEER;
- 18: QUEERIZANDO O CÂNONE LITERÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA;
- 19: RELIGIÃO, POLÍTICAS PÚBLICAS E DIREITOS SEXUAIS;
- 20: RESISTÊNCIA E DISSIDÊNCIA SEXUAL NA LITERATURA LATINO-AMERICANA: POR UMA CRÍTICA AO AUTORITARISMO;
- 21: SAÚDE LGBT: DESAFIOS DAS EXPRESSÕES DE GÊNERO E DAS SEXUALIDADES NO CONTEXTO DO SUS;
- 22: GÊNERO E SEXUALIDADE NA PRISÃO: (DES)POSSIBILIDADES ÉTICAS EM TEMPOS SOMBRIOS;
- 23: SUICÍDIO DA POPULAÇÃO LGBTI: JOGANDO LUZ ÀS INVISIBILIDADES E PECULIARIDADES, ST 24: TEORIA QUEER, RAÇA E PERSPECTIVA SUL-SUL.